

COMPLEXO CULTURAL DO QUILOMBO MESQUITA:

Parque do cerrado, centro gastronômico e núcleos afro-urbanos.

Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Departamento de projeto, expressão e representação
Trabalho final de graduação

Complexo- Cerrado.
Contraproposta de intervenção no Quilombo Mesquita: da culinária à agroindústria

Autora: Renata do Canto dos Santos
Orientadora: Liza Maria Souza de Andrade

“Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Nem nessas coisas do oriente, romances astrais
A minha alucinação é suportar o dia a dia
E meu delírio é a experiência com coisas reais”

Alucinação, Bechior



UnB



SUMÁRIO

01 Introdução	02 Justificativa	03 Objetivos	04 Metodologias e Procedimentos	09 Arquitetura Quilombola	10 Análise Territorial	11 Linguagem de Padrões	12 Proposta de soluções por dimensões
05 Contextualização	06 Antecedentes do Projeto	07 O Quilombo Mesquita, seus produtos e a culinária tradicional.	08 Referências de Projeto	13 O Complexo Cultural do Mesquita	14 Considerações finais	15 Cronograma	16 Referências



Fonte: Renata Canto, 2022

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Olódùmarè pela vida e ao meu Ori por me acompanhar em toda minha trajetória, aos meus orixás e aos meus ancestrais que lutaram muito para que eu chegasse onde cheguei.

Agradeço ao apoio da professora Liza, Mariane, Walisson, Danusa e toda a rede do Quilombo Mesquita pelo acolhimento.

Agradeço o apoio dos meus amigos, da minha família e de todos que me deram força neste processo.

AXÉ

RESUMO

Este trabalho busca desenvolver um Complexo Cultural como projeto de contraproposta ao que foi desenvolvido pela Prefeitura da Cidade Ocidental. Pensando em uma estrutura viável para a comunidade e que preserve as principais características do espaço como o estilo de vida bem-viver, a produção agrícola tradicional, valorizando toda a tradicionalidade, o histórico de luta e reivindicação territorial bem como a preservação da sua memória enquanto povo quilombola. O desenvolvimento do complexo Cultural se dará em três fases: o centro gastronômico, o parque cerrado e os núcleos familiares afrrurais.



Área de intervenção no Quilombo Mesquita, Cidade Ocidental. Fonte: Valmor Pazos, 2022



Proposta de intervenção no Quilombo. 2022

1

INTRODUÇÃO

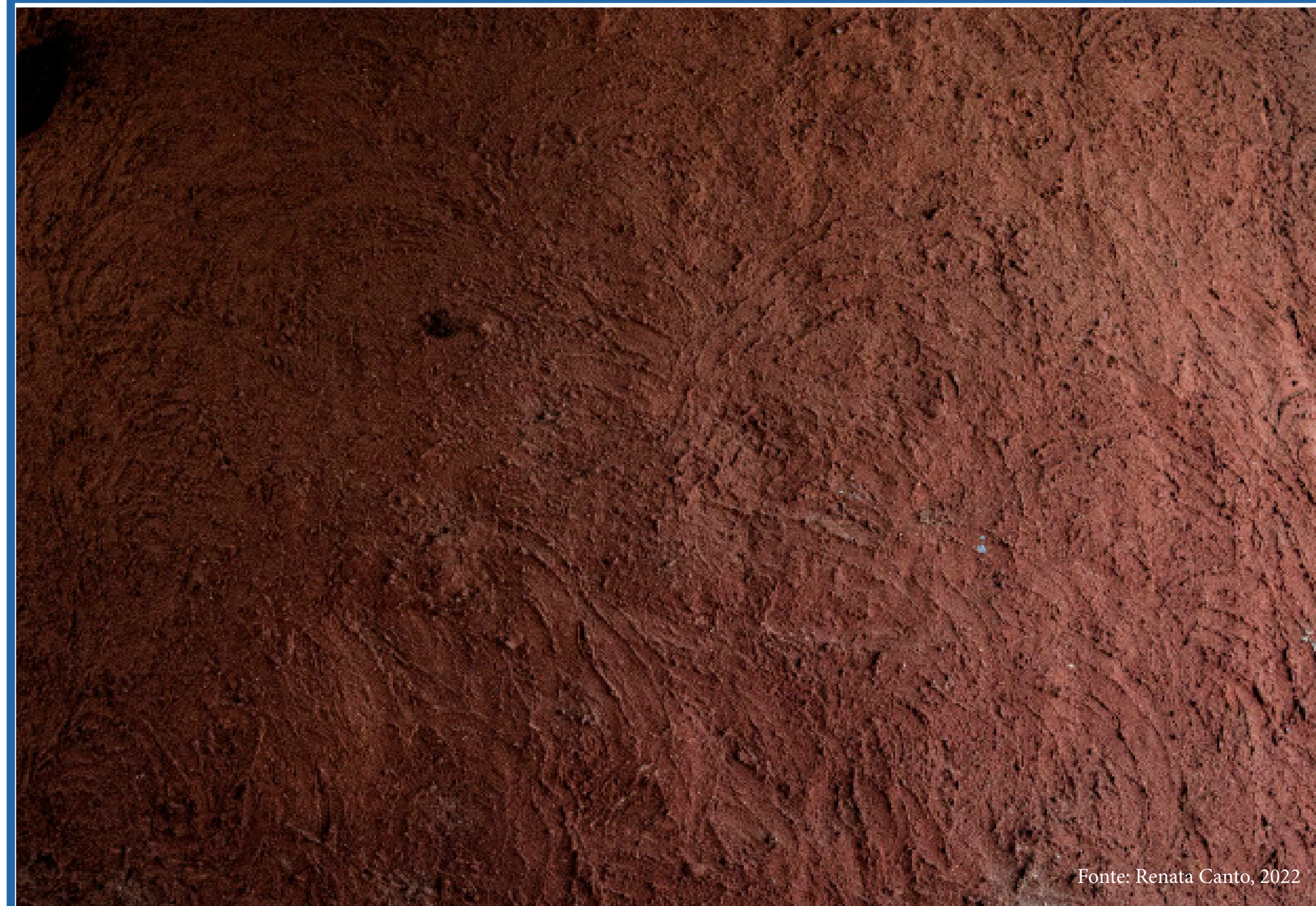
O Quilombo Mesquita possui uma importância histórica para a cidade de Brasília. Aproximadamente 785 famílias residem no espaço e a maioria sobrevive da atividade agrícola, principalmente na produção de goiaba, laranja, mexerica, jabuticaba, pequi, cana-de-açúcar, milho, mandioca e o marmelo. Antes o trabalho era baseado na solidariedade e na troca de produtos entre os moradores da região, a meia, onde parte da produção e dos produtos eram negociados entre as famílias ficando cada um com uma parte de cada produto.

As festividades mais tradicionais realizadas apresentam como protagonismo principal a produção dos alimentos como a festa do Marmelo, por exemplo, realizada para celebrar a colheita do fruto, a Festa do N'golo, uma bebida ancestral a base de quiabo-de-angola, presente nas principais celebrações Mesquita há praticamente três séculos, e também os eventos religiosos como Cavalgada de Nossa Senhora e outras manifestações artísticas-culturais.

A forma como todo o processo de produção de alimentos é realizada, ressalta uma comunidade que culturalmente se preocupa em manter uma relação sustentável com a natureza respeitando seu tempo e suas-

limitações, bem como exaltar o trabalho comunitário, a tradicionalidade e a memória de um povo, visto que a técnica é passada de geração em geração pela oralidade e ensinada pelos mais velhos.

O Quilombo Mesquita e suas peculiaridades já foram estudadas por diversos pesquisadores e grupos de pesquisas, em especial, pela Universidade de Brasília, como o grupo Periférico, grupo de pesquisa e extensão registrado pelo CNPq que desenvolve “pesquisa-ação” em diversos territórios do Distrito Federal e do entorno através da massiva participação popular. Dentre os trabalhos já desenvolvidos no grupo sobre o Quilombo podemos citar o projeto de extensão “Em solidariedade ao Quilombo Mesquita: desenvolvimento de material gráfico e cartilhas para fortalecimento da identidade e territorialidade”, o projeto “Periférico, trabalhos emergentes” da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, coordenado pela Professora Liza Andrade e os projetos desenvolvidos dentro destes grupos como o Programa de Iniciação Científica em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – Edital PIBITI (CNPq) 2020/2021- intitulado “Tecnologia contra o racismo ambiental e apoio às comunidades afrorurais: análise da preservação comunitária dos recursos hídri-





Forno de barro muito utilizado na comunidade. Fonte: Renata Canto, 2022

cos no Quilombo Mesquita” e do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – Edital PIBEX/DEX/UnB nº 01/2021 – intitulado “PEAC PERIFÉRICO, trabalhos emergentes no Território do Quilombo Mesquita: tecnologia social contra o racismo ambiental”. O Projeto de pesquisa de Nina Beatriz de Araújo e Gallina intitulado “Injustiça Ambiental: Análise Temporal do índice da vegetação (NDVI) e mapeamento de uso e cobertura do solo no território do Quilombo Mesquita”, o projeto “Comunidades Afrorrurais e bem-viver: Análise da preservação comunitária dos recursos hídricos e conservação ambiental por meio da cartografia social” desenvolvido pelo quilombola Wallisson Braga da Costa e por fim o projeto “Bem viver no Quilombo Mesquita: O saber local de uma comunidade tradicional de remanescentes quilombolas” pela quilombola Danusa Benedita, Liza Andrade e Mariane Paulino.

O calendário do Quilombo Mesquita do ano de 2020 e 2022 feito pelos grupos de pesquisas citados acima, também foi utilizado para embasar a pesquisa dando suporte sobre as principais atividades, comemorações, lutas e memórias da comunidade. Dentro da temática sobre espaço e território cabe destacar o projeto de Mariane Paulino em “Planejamento Afrorrural Quilombo

Mesquita – escalas para a preservação territorial e identitária” apresentando um planejamento do território – em duas escalas – como forma de propor uma reintegração com a população quilombola, preservando sua memória e seu patrimônio cultural.

No âmbito da preservação da memória pode-se citar o projeto de Cyntia Temoteo da Costa Silva, arquiteta e urbanista titulado “Lugares de memória do Quilombo Mesquita” que propõe um projeto de restauração do casarão de Aleixo Pereira Braga como fortalecimento da identidade do Quilombola e os lugares de memória tendo como resultado o levantamento histórico do casarão de Aleixo Pereira Braga, uma proposta de programa de necessidade e uma cartilha de recomendações básicas para conservação do patrimônio edificado.

Amanda Alves Sicca Lopes da residência profissional em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia também desenvolveu seu trabalho de conclusão voltado para as comunidades quilombolas com a temática “Territórios da identidade: Praça Maria do Nascimento e José Pereira Braga - Quilombo Mesquita” analisando em escala macro e micro toda a região Quilombola, levando em conta seus equipamentos urbanos e possíveis potencialidades. Buscou a elaboração



Forno de barro . Fonte: Renata Canto, 2022

de um projeto voltado para os espaços públicos, uma praça, desenvolvidos com a comunidade além de outros produtos gráficos reforçando a assistência técnica prestada pela universidade às comunidades tradicionais.

Dentro deste território de pesquisa sobre a produção agrícola comunitária temos como base o projeto “Agricultura familiar no povoado mesquita: uma comunidade tradicional descendente de quilombola” da autora quilombola Danusa Benedita Lisboa pela faculdade de agronomia e medicina veterinária, apresentando de maneira detalhada a caracterização da produção alimentícia familiar do Quilombo Mesquita, os impactos da mecanização bem como novas práticas sustentáveis afetam a comunidade. Esta pesquisa foi usada como base para compreender como a comunidade se organiza na produção alimentícia e como sua relação com a terra colabora para um desenvolvimento econômico e sustentável do Quilombo.

2

JUSTIFICATIVA

A insistentes investidas das especulações imobiliárias e do avanço do agronegócio ocorre por diversas linhas e estratégias. Uma mais eficaz é questionar a identidade do quilombo e convencer aos moradores que o conceito de quilombola remete ao atraso e a uma invenção popular ultrapassada, fazendo com que as pessoas cedam o território e pressionem os demais a se “modernizarem” o que provoca uma crise identitária interna no território.

A nova estratégia do Município da Cidade Ocidental favorece o apagamento desta identidade visto que o complexo esportivo não compreende as demandas do quilombo, não propõe melhorias significativas e tampouco valorizam a memória e a história do quilombo.

A contraproposta desenvolvida em parceria com a comunidade se propõe a resgatar e defender a memória quilombola, valorizando aquilo que há de mais significativo e ancestral na comunidade: a culinária, as festividades e a memória do quilombo enquanto povo. Trata-se do desenvolvimento de um complexo cultural que irá compreender três espaços principais: centro gastronômico, parque do cerrado e os núcleos afro-urbanos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feito um estudo detalhado sobre a culinária quilombola, a relação com a cozinha, as festividades, pois o ponto de partida para a evolução da pesquisa está centrado nas produções



Produção do doce tradicional biscoitinho da vovó. Fonte: Renata Canto, 2022

3

OBJETIVOS



O objetivo principal é desenvolver junto com a comunidade do Quilombo Mesquita, Cidade Ocidental, Goiás, um projeto complexo cultural que servirá de contraproposta ao projeto do complexo esportivo do Mesquita solicitado pelo governo municipal da Cidade Ocidental sem a aprovação da comunidade.



Preparo do melaço. Fonte: (Reprodução Facebook), 2021

Objetivos específicos:

1. Elaborar um estudo sobre toda a produção alimentícia do Mesquita compreendendo sua importância histórica na comunidade e como isso colaborou para a formação da identidade do povo mesquita.

2. Lançar a proposta do complexo cultural a partir da setorização de três grandes áreas:

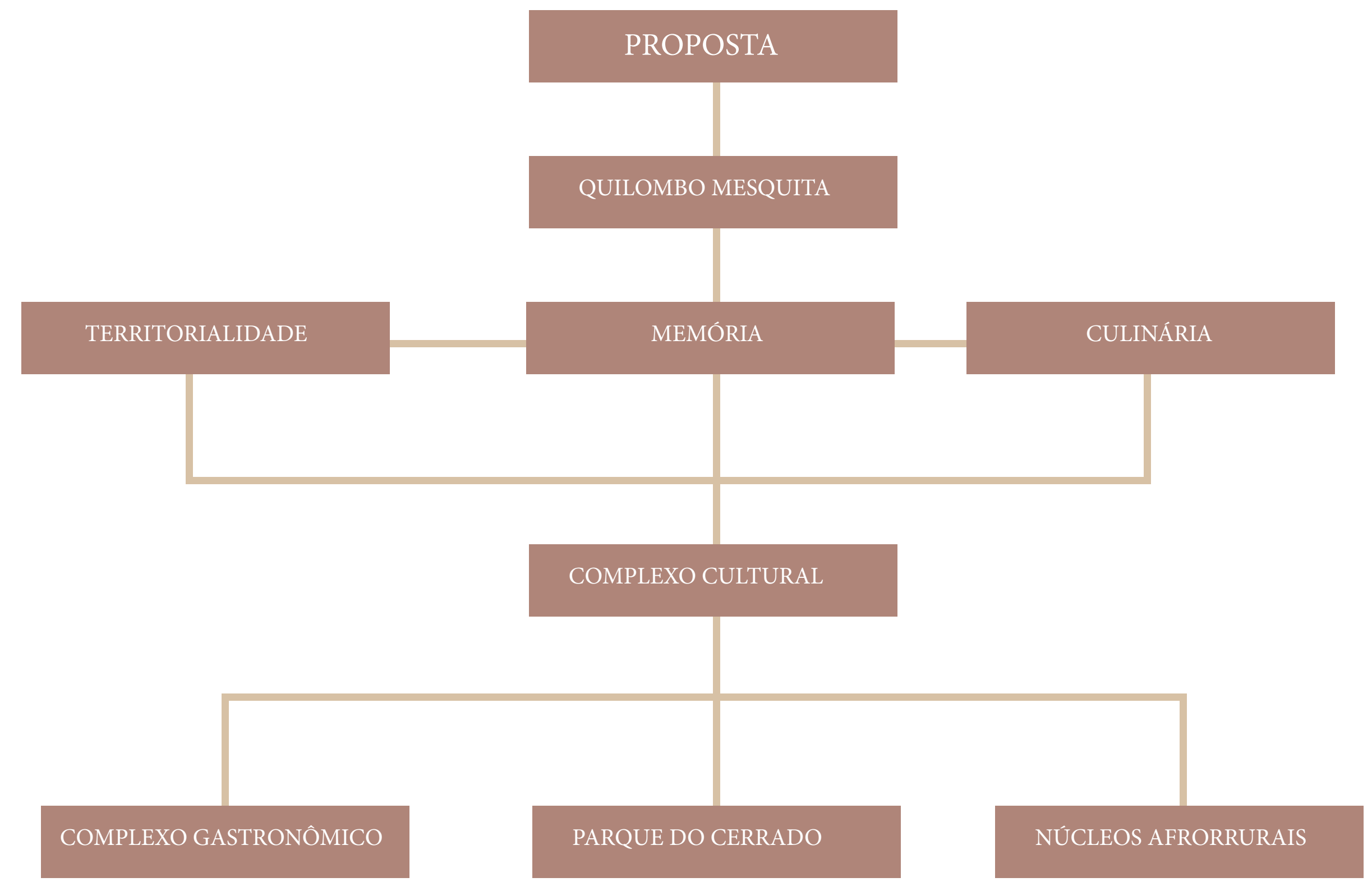
2.1. O complexo gastronômico que contará com espaços voltados para a produção (cozinha e hortas), exposição (feira), educação (centros informativos, centro de convenções), saúde, festas e lazer.

2.2. O parque cerrado, uma área de preservação florestal e espaço de recreação com diversos equipamentos como quadras, pistas de caminhada, parques infantis;

2.3. E por fim, os núcleos afrrurais como tentativa de religar os quilombolas que já deixaram o espaço por pressões imobiliárias, ameaças ou por questões financeiras.



Colheita do Marmelo. Fonte: (Reprodução Facebook), 2022



4

METODOLOGIAS E PROCEDIMENTOS

A Metodologia aplicada nesta pesquisa teve como base os métodos e procedimentos já realizados pelo Grupo de pesquisa Periférico como a análise das quatro dimensões imprescindíveis para o desenvolvimento sustentável – a social, a ambiental, a econômica e a cultural/emocional baseada no artigo “Adequação sociotécnica para projetos de urbanismo participativo do grupo de pesquisa e extensão periférico: táticas urbanas como tecnologia social, dimensões da sustentabilidade, padrões espaciais e de acontecimentos e construção de cenários.” tendo como autoras Liza Maria Souza de Andrade, Natália da Silva Lemos, Maria Emilia Monteiro Silva e Vânia Teles Loureiro.

O processo participativo da comunidade e as suas produções bibliográficas colaboraram para a pesquisa identificando as principais demandas da população: análise de todo o contexto da população, do estilo de vida, das manifestações artísticas (festas e celebrações), (identificação dos conflitos, dimensões morfológicas, análise dos dados socioeconômicos e a identificação dos principais atores do processo) e os fundamentos Teóricos (histórico-social dos quilombos, o Patrimônio Cultural, a Regulação Fundiária e a legislação local) - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação.

Parte das pesquisas desenvolvidas enfatizam os meios de produção da comunidade e possíveis formas de planejamentos agrícolas.

Para viabilizar esta pesquisa as atividades foram desenvolvidas da seguinte maneira:

1. Visita em campo e entrevistas para entender melhor a dinâmica da comunidade e construir relações mais estreitas que visem atender a demanda de forma eficiente;
2. Participação em festas tradicionais e atividades artísticas da região, como as festas juninas para compreender a dinâmica e os conflitos identitários do território;
3. Participação em oficinas de culinária com as cozinheiras tradicionais do quilombo em parceria com a Rede Bartô e entrevistas informais para compreender a importância dos mais velhos na comunidade e a oralidade para a perpetuação do saber.
4. Rodas de conversas, debates e discussões sobre territorialidade com a comunidade durante a semana universitária da Universidade de Brasília em parceria com o departamento de extensão e a faculdade de arquitetura e urbanismo como forma de incluir a comunidade quilombola nas discussões acadêmicas;



Oficina de doces tradicionais na comunidade em parceria com a Rede Bartô. Fonte: Renata Canto, 2022



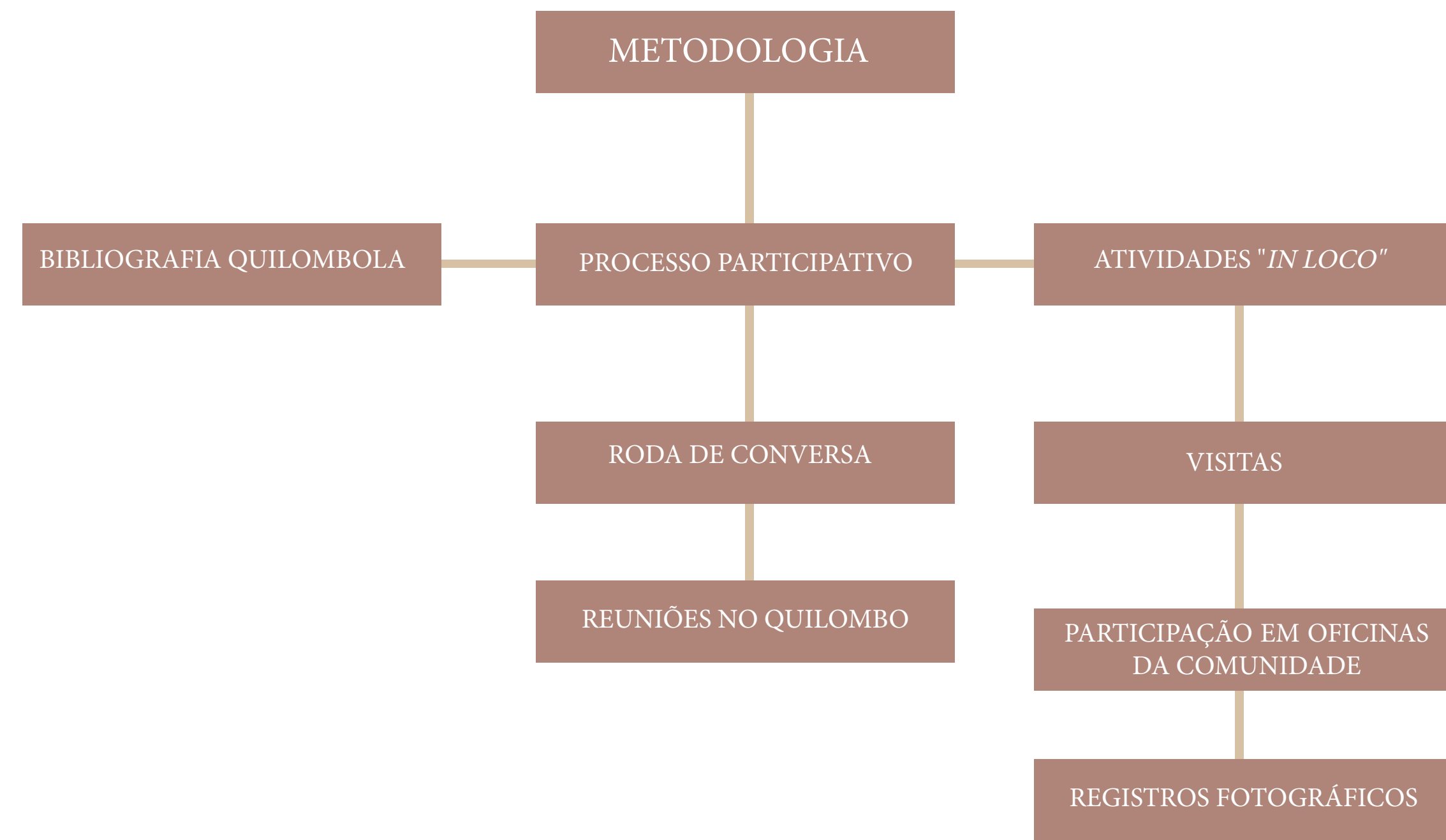
Apresentação da proposta para a comunidade do quilombo. Fonte: Liza Andrade, 2022



Festa Junina realizada na Rua do Colégio. Fonte: Renata Canto, 2022



Levantamento fotográfico feito na região em parceria com a comunidade. Fonte: Renata Canto, 2022



02 de abril

Conhecendo o território.



22 de junho

Participação na oficina de doces tradicionais em parceria com a Rede Bartô.



25 de junho

Festa junina na Rua do Colégio.



16 de julho

Festa junina na Igreja Nossa Senhora D'Abadia.



3 de agosto

Reunião via *online* com alguns representantes do quilombo Mesquita como Sandra Braga, Manoel Neres e Walisson Braga.

29 de agosto

Roda de conversa em parceria com o DEX - UnB



3 de setembro

Apresentação do trabalho para a comunidade do Mesquita.



5

CONTEXTUALIZAÇÃO





Vista da igreja Nossa Senhora D'Abia e praça do Quilombo Mesquita Fonte:Valmor Filho 2022

O Quilombo Mesquita se encontra localizado na cidade Ocidental no Estado do Goiás. Possui cerca de 4,2 mil hectares delimitado pelo INCRA, porém a ocupação quilombola é cerca de 800 hectares com a população estimada em 3 mil habitantes. O Mesquita possui cerca de 274 anos de existência. Obteve certificação de território remanescente em 2006 através da Certidão expedida pela Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura, teve seu território delimitado em 2011 pelo INCRA por meio da publicação do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTI - porém ainda não possui certificação do INCRA; (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). O município da Cidade Ocidental está inserido regionalmente na Região Integrada de Desenvolvimento (RIDE) do Distrito Federal e do Entorno onde se tem a formação de dois núcleos urbanos: um situado próximo a BR-040 e o outro o Jardim ABC localizado na divisa do DF ligado pela GO-521.

O mapa 2 serve para demonstrar o espaço ocupado pelo Quilombo (mancha amarela) e a área quilombola que é demarcada pela poligonal Relatório Técnico de Identificação e Delimitação, o que reforça a baixa ocupação do povo quilombola no território.

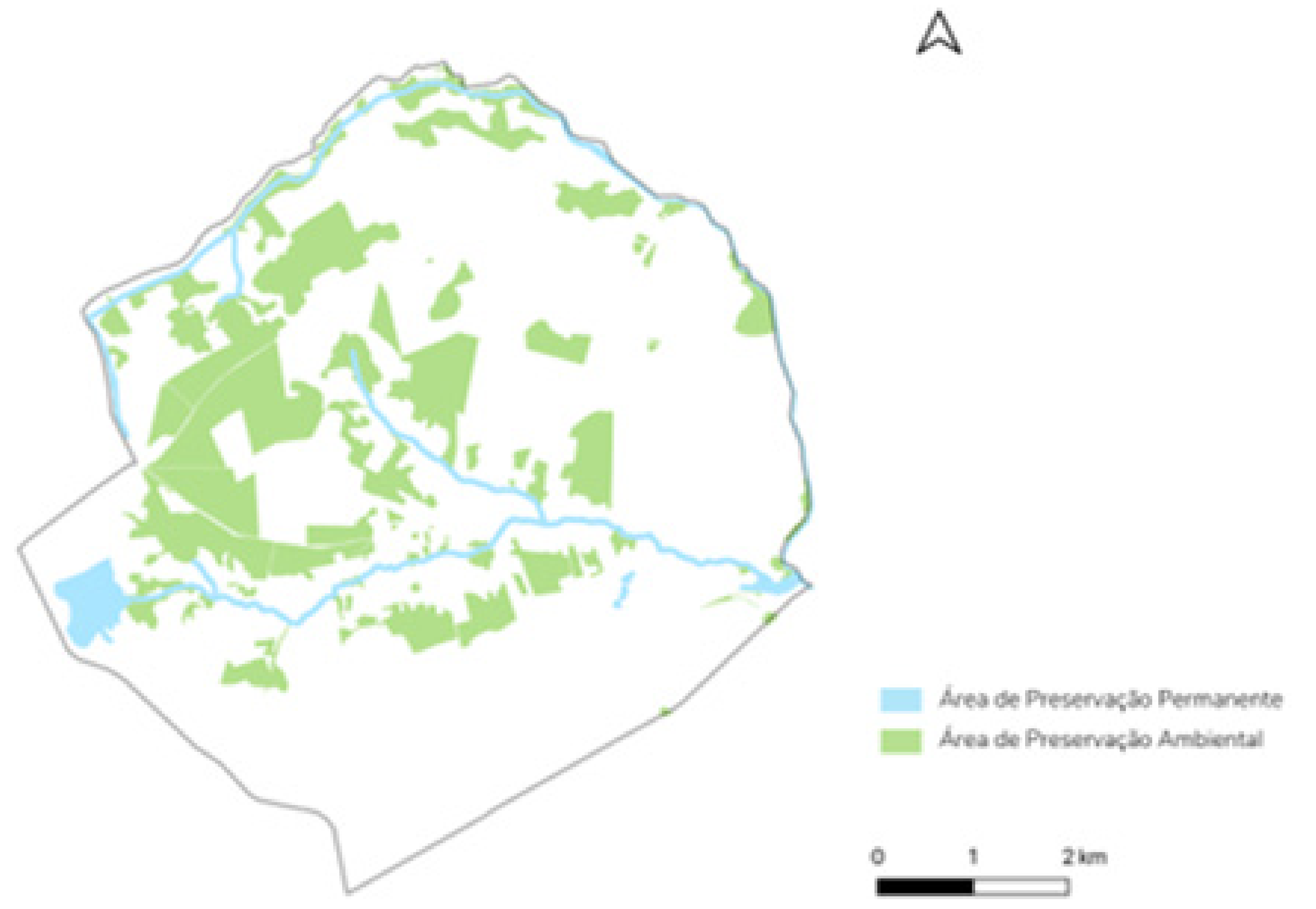
A grande preocupação por parte das “invasões” no território quilombola é a degradação do meio ambiente e as consequências disso para as condições climáticas, o desequilíbrio da fauna, a poluição das águas limpas da região.

A manutenção e a sobrevivência do quilombo Mesquita está ligada com a preservação do meio ambiente e isso reflete na forma como as pessoas se relacionam entre si e com a natureza: a forma com as casas estão situadas, a liberdade do espaço, o respeito à diversidade da fauna e da flora.

No mapa 3 conseguimos observar as áreas correspondentes à preservação ambiental e a área de preservação permanente presentes no território e a importância de conservar estes espaços para garantir o espaço “Bem-Viver” do Quilombo Mesquita. O mapa é resultado do projeto de pesquisa de Nina Beatriz sobre a relação entre as áreas de preservação ambiental e permanente.



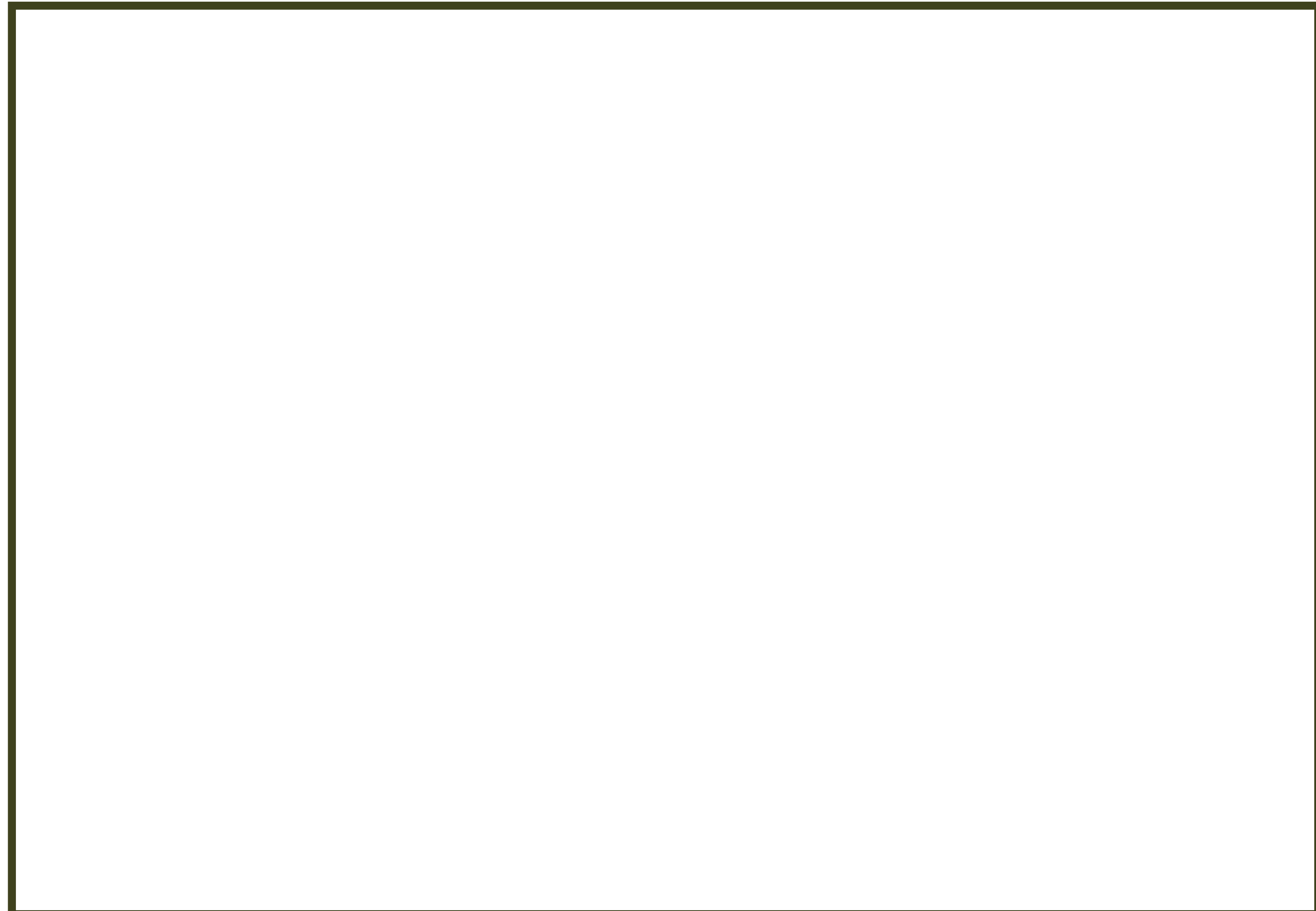
Mapa 2: Relação entre áreas de ocupação Quilombola e a área total delimitada pelo INCRA. Fonte: Nina Beatriz de Araújo e Gallina, 2021



Mapa 3: Relação entre as áreas de preservação ambiental e permanente. Fonte: Nina Beatriz de Araújo e Gallina, 2021



Corpos hídricos e pequenos pastos utilizados pela comunidade. Fonte: Renata Canto, 2022



5.1. O Quilombo Mesquita



Densidades vegetais no Quilombo. Fonte: Valmor Filho, 2022



Densidades vegetais no Quilombo. Fonte: Valmor Filho, 2022

A história do quilombo Mesquita é marcada pela chegada compulsória de pessoas negras escravizadas para as minas de ouro em Santa Luzia no século XVIII. Porém com o declínio do ouro em 1775 muitos fazendeiros abandonaram ou doaram as suas terras. Foi o que alguns estudiosos acreditam que tenha sido o caso de José Correia de Mesquita que doou o terreno para 3 mulheres negras alforriadas: Maria Abadia, Martinha Pereira Braga e Maria Pereira Dutra e daí foram recebendo pessoas escravizadas que se refugiavam por ali e logo o espaço se configurou como um quilombo. O conceito de comunidade quilombola pode ser entendido como consta no decreto nº 6040/2007 que caracteriza como “povos e comunidades tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações.”

Desde do início da sua formação a comunidade do Mesquita se dedicava a atividades agrícolas, onde as técnicas de cultivo e manejo eram passadas de geração em geração, e algumas produções, como o marmelo, principal produto da comunidade, é dominado por poucas pessoas, em especial as mais velhas. A agricultura tradi-

cional do Mesquita chegou a fornecer alimento para as pessoas que trabalharam na construção de Brasília.

A população possui cerca de 85 agricultores vinculados à Associação Renovadora do Quilombo Mesquita. Porém com o passar do tempo alguns pesquisadores relataram mudanças na forma tradicional de produção em especial devido a expansão da monocultura e com a urbanização do entorno, processo que ocorre desde da década de 1960, colocando em risco as áreas quilombolas e a biodiversidade existente. As produções que mais sofreram alterações foram: o cultivo de milho (*Zea mays*) e a mexerica ponkan (*Citrus reticulata*).

Com significativa mecanização e adoção de insumos modernos, afastando-se cada vez mais dos processos de trabalho familiar diferente do marmelo e da mandioca que permaneceu com estreitos laços com a comunidade, junto com a rapadura, a cachaça de alambique e a farinha de mandioca. Importante ressaltar que a produção dos alimentos é feita de forma comunitária, onde uma família auxilia na produção do outro e muitas vezes praticavam entre si a meia, modalidade de troca onde os agricultores locais entregam a matéria-prima para serem industrializados por outras famílias dedicadas à fabricação de marmelada, farinha, rapadura e cachaça recebendo em

troca metade do produto processado resultante.

O Quilombo Mesquita vem promovendo uma série de cursos e assistência técnica agrícola que possibilitou o desenvolvimento das produções alimentícias como frutas, hortaliças, grãos que são comercializados nas feiras tanto na Cidade Ocidental como no Jardim ABC.

A intensa disputa de território por parte do setor imobiliário agrava os problemas ambientais e põe em risco a sustentabilidade do Quilombo, como ocorreu em 2010 através da Ação Civil Pública do Ministério Público Federal (2010) junto a Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado de Goiás (SEMARH) e uma empresa que permitiu o desmatamento de uma área de 84 hectares para possibilitar a construção de condomínios. Com essa mudança de ocupação do território, meramente econômica, muda-se também a relação entre os indivíduos e a terra. O que se tem no Mesquita é um território formado por pessoas que se conhecem e estabelecem uma relação de confiança. A forma como utilizam a terra também demonstram a preocupação da comunidade em gerar o menor impacto possível, visto que suas atividades agrícolas utilizam de técnicas, em sua maioria, tradicional e não agredem a natureza.



Benedito Antônio Pereira e Antônio Pereira Braga recebendo o certificado de comunidade quilombola. Fonte: Reprodução Facebook, 2019



Relação das casas com o entorno. Fonte: Valmor Filho, 2022



Casa típica da comunidade Mesquita. Fonte: Instituto Cerratense, 2018

6

ANTECEDENTES DO PROJETO

Já foram realizadas diversas pesquisas na faculdade de arquitetura e urbanismo que abordaram o Quilombo Mesquita como tema principal, buscando além de estudar e analisar o território levantar possíveis ações que melhorassem a qualidade de vida das pessoas e a conscientização da população para a importância da preservação da memória, da história e da luta da população. Pressionando também as autoridades a tomarem medidas contra as ocupações ilegais, o desmatamento e degradação ambiental decorrente das invasões não-quilombolas. Esta pesquisa tem como referência os projetos de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) desenvolvidos pelos estudantes: Nina Beatriz de Araújo e Gallina, Teresa Bernadete Medina Ferreira e Wallisson Braga da Costa (quilombola) em parceria com o “PEAC PERIFÉRICO” na coordenação de Liza Maria de Andrade, sendo indicados ao prêmio destaque na área de Artes e Humanidades tendo como prêmio de destaque o projeto do quilombola Wallisson Braga da Costa titulado como “Comunidades Afrorrurais e bem-viver: Análise da preservação comunitária dos recursos hídricos e conservação ambiental por meio da cartografia social “. E por fim, o projeto desenvolvido pela quilombola Danusa Benedita através do curso Reabilita em parceria com Liza Andrade e Mariane Paulino.

6.1. Injustiça Ambiental: Análise temporal do índice da vegetação e mapeamento de uso e cobertura do solo no território do Quilombo Mesquita por Nina Beatriz de Araújo e Gallina.



Contraste da vegetação do território. Fonte: Valmor Filho, 2022

Injustiça Ambiental: Análise Temporal do índice da vegetação (NDVI) e mapeamento de uso e cobertura do solo no território do Quilombo Mesquita Projeto desenvolvido por Nina Beatriz de Araújo e Gallina, na época graduanda em arquitetura e urbanismo pela FAU-UnB, realizando uma análise do índice de vegetação (NDVI), mapeamento de uso do solo e cobertura no território do quilombo Mesquita, relacionando estas informações com o crescimento da Cidade Ocidental, desmatamento para a produção agrícola, a expansão dos empreendimentos imobiliário e a representação da ameaça destes fatores no estilo de vida “bem-viver rural” do quilombo bem como os riscos para os recursos de subsistência da comunidade.

A pesquisa teve como base uma análise dos mapas de uso e cobertura do solo e do Índice de Vegetação da Diferença Normalizada (NDVI) - 1985, 1999 e 2011, realizando uma comparação do uso do solo com a qualidade obtida pelo NDVI por comunidades quilombolas e de invasão não-quilombolas identificando os padrões de ocupação, áreas de desmatamento para produção agrícola e formações naturais vegetais.

Foi constatado que o aumento dos invasores colaborou para o prejuízo ambiental da região e as co-

berturas vegetais mais saudáveis estão dentro do território quilombola e nos arredores imediatos. Fator que contradiz o Plano Diretor da Cidade Ocidental de 2006 e Inquérito expedido pelo Ministério Público onde os cemitérios quilombolas foram classificados como alto potencial de poluição desconsiderando as invasões não-quilombolas: com as especulação imobiliária e agrícolas.

A área de preservação permanente inserida no território do Quilombo Mesquita a extensão ao longo do Ribeirão Mesquita. É caracterizada por um trecho de mata de galeria com formação arbórea alta e verde, florestas perenifólias. Segundo o Plano Diretor, 2016, a maior parte do território quilombola é definido como Zona de Adensamento Restrito (ZAR), com uso comercial e de serviços que estejam relacionadas com a ocupação primária para uso residencial, com condomínios residenciais com habitações unifamiliares e multifamiliares e secundária destinadas ao uso residencial. Apenas as terras em posses quilombolas foram consideradas como Zona Urbana Especial (ZUE).

Através da metodologia de sensoriamento remoto foi possível realizar mapas para facilitar a comparação



GO-521. Fonte: Valmor Filho, 2022



Contraste da vegetação do território. Fonte: Valmor Filho, 2022



do mapa do índice de vegetação NDVI de 1985 com o de 1999, que mostra o avanço do desmatamento no território não-quilombola. Porém no ano de 2011 houve um aumento das áreas verdes no território, mas que não teve impacto significativo na mudança climática devido ao uso da monocultura de soja e expansão da infraestrutura.

6.2. Tecnologia para o Desenvolvimento Sustentável no território: Análise dos impactos socioambientais e corpos hídricos do Quilombo Mesquita por Teresa Bernadete Medina Ferreira

O seguinte projeto foi desenvolvido pela atual graduanda de arquitetura e urbanismo, FAU-UnB, Teresa Ferreira e tinha como objetivo coletar, analisar e comparar de maneira crítica os impactos socioculturais no processo de ocupação do território do quilombo e seus corpos hídricos e microbacias (Ribeirão Mesquita, Ribeirão Santana, Ribeirão Saia Velha). Comparando os impactos ambientais ocasionados pela comunidade quilombola e pelas ocupações não-quilombolas como o avanço do mercado imobiliário de alto padrão e a monocultura/agronegócio.

O projeto contesta as exigências do Ministério Público em relação a declaração a respeito da poluição causada pelos cemitérios quilombolas. Levando em conta o estilo de “Bem-viver”, modo alternativo de viver e de se relacionar com a natureza ao modo capitalista. O artigo teve como parâmetro de pesquisa de análise comparativa de impacto ambiental o potencial de poluição difusa, calculado com base no grau de impermeabilização do solo segundo a sua cobertura e tipo de uso e ocupação segundo pesquisas de SEBUSIAN, BETTINE(2011) e CARVALHO e OLIVEIRA (2014), através do mapeamento do uso e tipo de solo bem como seu grau de impermeabilização. A pesquisa conseguiu provar que a média e alta impermeabilização do solo estava realizada com a ocupação

das imobiliárias no entorno imediato do quilombo, analisando os possíveis potenciais de produção de poluição. A relação estabelecida do Quilombo Mesquita com a natureza e a agricultura familiar ocorre de maneira sustentável, o que garante o equilíbrio da relação entre homem e natureza e o seu estilo bem-viver.



Corpos hídricos Quilombo Mesquita. Fonte: Valmor Filho, 2022



Corpos hídricos Quilombo Mesquita. Fonte: Valmor Filho, 2022



6.3. Comunidades Afrorurais e Bem Viver: Análise da preservação comunitária dos recursos hídricos e conservação ambiental por meio da cartografia social por Wallisson Braga da Costa

O projeto de pesquisa “Comunidades Afrorrurais e bem-viver: Análise da preservação comunitária dos recursos hídricos e conservação ambiental por meio da cartografia social” foi desenvolvido pelo atual estudante quilombola Wallisson Braga da Costa em colaboração com os quilombolas de Mesquita e o Grupo Periférico da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília, um grupo de pesquisa e extensão integrado no formato de “pesquisa-ação” com Raissa Almeida de Magalhães, Nina Beatriz de Araújo e Gallina e Vinícius Silva Rezende na orientação de Liza Maria S. Andrade e Mariane S. Paulino e teve como objetivo a análise da comunidade afrorrural do quilombo Mesquita e sua forma de preservação dos recursos hídricos e conservação ambiental relacionando com o estilo Bem-Viver e o impacto ambiental provocado nesse ambiente, evocando memórias afetivas da população. Análise sócio-cultural através da aplicação de formulários para a comunidade e aplicação de metodologias ativas e de mobilização social.

A metodologia aplicada foi a utilização de questionários para identificar a relação cultural dos moradores com o ambiente, o território, a sociedade, além de diagnosticar elementos potencializadores do impacto ambiental e da violência étnica quilombola de acordo com a perspectiva dos entrevistados.

A formação do quilombo Mesquita é acompanhada da história da produção do marmelo, principal produto que movimenta a economia do quilombo e das manifestações religiosas, uma mistura de catolicismo com candomblé refletindo as diversas manifestações culturais da população caracterizada pelas rezas de rosários, terços, ladainhas e cânticos que antes eram celebradas nas casas dos moradores que revezavam a hospitalidade entre si e onde até hoje, celebradas com a culinária, as receitas centenárias, um exemplo disso é a folia de Nossa Senhora da Abadia, uma das maiores celebrações presentes na comunidade, comemorada por 15 dias seguidos em 15 famílias diferentes, onde é nítida a importância da culinária comunitária nas celebrações pois no festejo várias mulheres e homens se reúnem na cozinha para produzirem arroz, feijão e mamão verde ralado com carne suína, comida típica do quilombo.

Outra celebração onde a culinária está presente é a festa do marmelo, criada em 2002 com o objetivo que conseguir fundos para a construção da capela Nossa Senhora da Abadia, a festa dura dois 2 dias, no primeiro dia ocorre um passeio de cavalo e no segundo dia, uma santa missa para os produtores de marmelo e depois é feito um almoço comunitário e os produtores servem marmelada feita na hora. A festa acabou ganhando uma grande adesão por parte da população e dos visitantes

que acabou sendo celebrado nos anos posteriores. A culinária também está presente nos momentos fúnebres da comunidade. Nos velórios, os moradores se reúnem para consolar os familiares e revendo antigos amigos. Nessas reuniões é comum matarem animais, como porcos e bovinos para alimentar as pessoas durante a cerimônia. É um momento de reafirmar o território e a memória da população, pois os entes queridos são enterrados em cemitérios próximos às residências familiares.

Com o avanço dos interesses imobiliários e agrícolas, o quilombo Mesquita sofre constantes ameaças que põem em jogo a integridade do seu território: desmatamento em grande escala, mudança climática, diminuição dos fluxos das águas que afetam diretamente a produção agrícola da comunidade. A dinâmica em que o Quilombo Mesquita vive é o que mantém o espaço preservado tanto na escala ambiental como cultural.



Wallisson Braga foi premiado com a pesquisa “Análise da preservação comunitária dos recursos hídricos e conservação no Quilombo Mesquita – GO”. Fonte: FAU-UNB, 2022.

6.4. Bem Viver no Quilombo Mesquita: O saber local de uma comunidade tradicional de remanescentes quilombolas por Danusa Benedita, Liza Andrade e Mariane Paulino.

Projeto de pesquisa desenvolvido pela, na época, graduanda quilombola Danusa Benedita tendo como foco de estudo o conceito de “Bem-viver” da comunidade e a inserção do indivíduo na sociedade e seus impactos e colaborações sociais, bem como a prática da preservação ambiental por parte da comunidade auxilia na sustentabilidade econômica e social. O modo de vida do quilombo Mesquita reflete a organização quilombola no Brasil: vida coletiva, desenvolvimento econômico em volta da agricultura familiar(50% do território de cada família corresponde a vegetação nativa do Cerrado e outros 50% são destinados ao uso da agricultura familiar).

O conceito de “Bem-Viver” do quilombo está relacionado com os processos sociais, alimentação, cultura, forma de moradia que vivem “uma relação de preservação do meio ambiente, conservação dos ecossistemas, a biodiversidade e a integridade do patrimônio genético do país”, segundo a pesquisa “às culturas agrícolas de ocupação quilombola se tratam de cultivos simples enquanto as não quilombolas grandes utilização de insumos químicos e implementos sofisticados”. O estilo de vida “Bem-Viver” tem como parâmetros e princípios do viver-bem: liberdade, boa saúde, sustentabilidade, equidade, segurança (pessoal, econômica, alimentar, sanitária, comunitária e política). Segundo levantamento

realizado pelo CadÚnico de 2013, 74,32% vivem em situação de extrema pobreza e 90% se declara negra, isso chama a atenção para a necessidade do desenvolvimento de ações às políticas públicas. A ocupação por parte de não quilombolas também compromete a população como a urbanização no território pelo Jardim Edite, loteamento Bem-Te-Vi e Nova Canaã. Pelo Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), cerca de 80% do território se encontra ocupado por não-quilombolas.

A metodologia da pesquisa envolveu a aplicação do questionário pela autora e pelo estudante quilombola Wallisson Braga no qual 40 moradores foram entrevistados entre 19 e 72 anos e cerca de 85% deste grupo mantém a cultura do plantio. Com essa pesquisa foi possível detalhar os parâmetros e princípios do bem-viver considerando os seguintes aspectos: território - ideia de pertencimento; convívio familiar - pela relação das moradias próximas aos familiares; tradições - festa do marmelo, folias em homenagem aos santos católicos; relações com o meio ambiente - respeito e convívio sustentável com o meio ambiente e por fim, os problemas e falta de estrutura na comunidade- devido ao descaso e falta de políticas públicas: a comunidade não possui posto policial, não tem área de lazer, ponto de encontro comunitário o que afeta a qualidade de vida das pessoas.



Contraste Urbano. Fonte: Valmor Filho, 2022

6.5. Os calendários do Quilombo Mesquita ano 2020 e 2022

Este calendário foi elaborado em 2020 como resultado do projeto de extensão “Em solidariedade ao Quilombo Mesquita: desenvolvimento de material gráfico e cartilhas para fortalecimento da identidade e territorialidade” junto com a comunidade quilombola e tendo como base o Inventário Patrimonial do IPHAN e os seus quatro espaços de abrangência: lugares, celebrações, formas de expressões e saberes. A concepção do projeto ocorreu dentro do grupo de pesquisa “Periférico, trabalhos emergentes” da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília na coordenação de Liza Maria de Andrade e da “Incubadora de Cooperativas populares” da Faculdade de Planaltina da Universidade de Brasília. Com a parceria da CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas e do Ministério Público do Distrito Federal e territórios - MPDFT). Neste calendário a temática girou em torno das principais celebrações do quilombo Mesquita como: a festa do Marmelo, as cavalgadas, as folias de Reis, Folias de São Sebastião, Folia do Divino, Folia de Nossa Senhora D’ Abadia e Folia de Nossa Senhora da Aparecida, Festa N’golo, as danças também são citadas no calendário como parte principal das celebrações como a catira e a raposa. Construções históricas como a Igreja Nossa Senhora da Abadia e o Casarão Aleixo Braga também são mencionados no calendário.



QUILOMBO MESQUITA

CALENDÁRIO 2020



Fonte: FAU-UNB,



QUILOMBO 20

MESQUITA 22

CALENDÁRIO



Fonte: FAU-UNB,

Dentre os projetos artísticos elaborados para a comunidade mesquita foi elaborado o Calendário Mesquita 2022, com a intenção de dar continuidade ao calendário temático desenvolvido em 2020, o calendário foi executado em parceria com a FAU-UnB, com o grupo de pesquisa Periférico, na coordenação de Liza Maria de Andrade, trabalhos emergentes, CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), reabilita, o Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) e o Núcleo de Políticas Ciência, tecnologia e sociedade. Faz parte do projeto do Programa de Iniciação Científica e Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – Edital PIBITI (CNPq) 2020/2021- intitulado “TECNOLOGIA CONTRA O RACISMO AMBIENTAL E APOIO ÀS COMUNIDADES AFRORURAIS: análise da preservação comunitária dos recursos hídricos e conservação ambiental no Quilombo Mesquita” e do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – Edital PIBEX/DEX/UnB nº 01/2021 – intitulado “PEAC PERIFÉRICO, trabalhos emergentes no Território do Quilombo Mesquita: tecnologia social contra o racismo ambiental”.

A temática do calendário de 2022 “A Natureza e Cultura Quilombola” tem como objetivo celebrar toda a história, tradição e modo de vida “Bem-viver” do Quilombo Mesquita.

A elaboração do calendário busca a conscientização e exposição das ameaças ambientais, racismo ambiental e vulnerabilidade enfrentada pelo quilombo. Exaltando a culinária, as relações humanas, as festas, celebrações, a natureza e toda a história, luta e força do povo quilombola.



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2022

6.6. Projeto – Praça Maria do Nascimento e José Pereira Braga Quilombo Mesquita por Amanda Alves Sicca Lopes



A proposta do projeto foi desenvolvida pela estudante Amanda Alves Sicca Lopes pela Universidade Federal da Bahia em parceria com a UnB. A proposta faz uma intervenção na grande área vazia da praça próxima a Igreja Nossa Senhora D'Abadia com o objetivo de requalificar os espaços públicos e possibilitar uma melhor qualidade de vida. Foi elaborado junto com a comunidade e manteve o respeito as demandas levantadas, principalmente em permitir que o espaço ainda fosse utilizado como um campo de futebol.

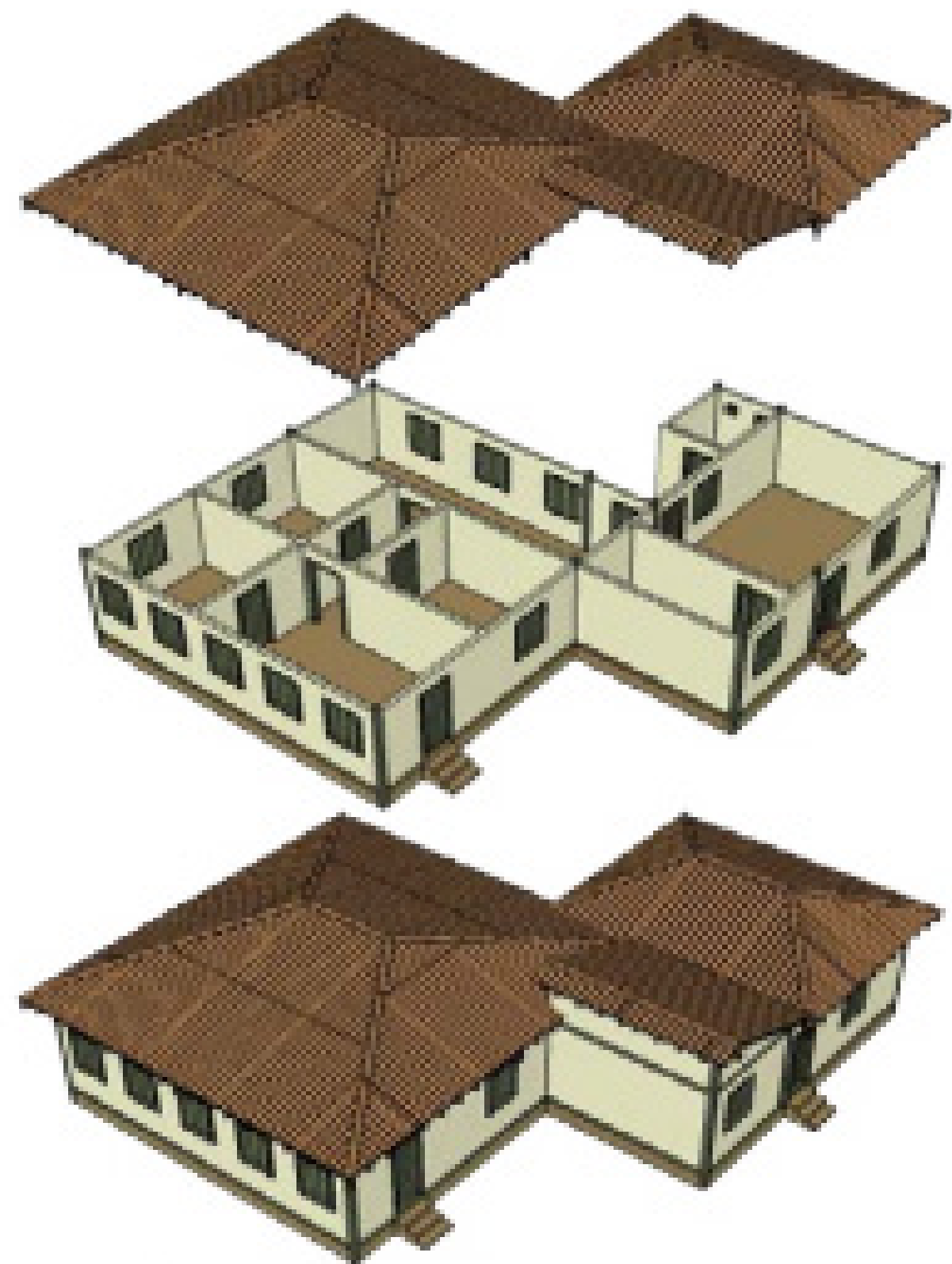
O projeto propõe uma vegetação densa com um bosque de árvores frutíferas, pergolados, parques, estacionamento e ainda consegue dialogar com a igreja Nossa Senhora D'Abadia. Durante o projeto Amanda relata que elaborou diversos possíveis padrões para apresentar a comunidade e através das pontuações conseguiu elaborar uma proposta mais adequada as demandas do Quilombo. Os padrões não apresentavam grandes disparidades nas propostas, porém havia questões sobre posicionamento e relevância de alguns espaços que foi de extrema importância atender as críticas da comunidade. O partido e conceito da praça foram elaborados considerando a história do quilombo e suas características arquitetônicas, por exemplo, uso de elementos como círculo, fogo e elementos da terra.

Os elementos utilizados no projeto eram múltiplos de três ou quatro, pois a autora considerou as três primeiras quilombolas que habitaram o espaço e o número quatro remetia ao número dos troncos familiares do Quilombo Mesquita, com isso o partido fazia um resgate histórico e simbólico.

Os espaços propostos pela praça apresenta caminhos mais largos e diretos com poucas barreiras visuais e mais acessível, pensando na integração da comunidade como um todo.

A presença marcante do círculo na praça buscava reforçar os ritos e encontros coletivos reverenciando as três quilombolas através da instalação de três totens, além de propor uma integração com a Igreja podendo ser utilizado como uma extensão das celebrações.

6.7. Lugares de Memória do Quilombo Mesquita por Cyntia Temoteo da Costa Silva.



FACHADA FRONTAL
Sem escala



FACHADA LATERAL DIREITA
Sem escala



FACHADA POSTERIOR
Sem escala



FACHADA LATERAL ESQUERDA
Sem escala

Reprodução do levantamento empírico realizado por Cyntia Silva. Fonte: Cyntia Silva, 2018.

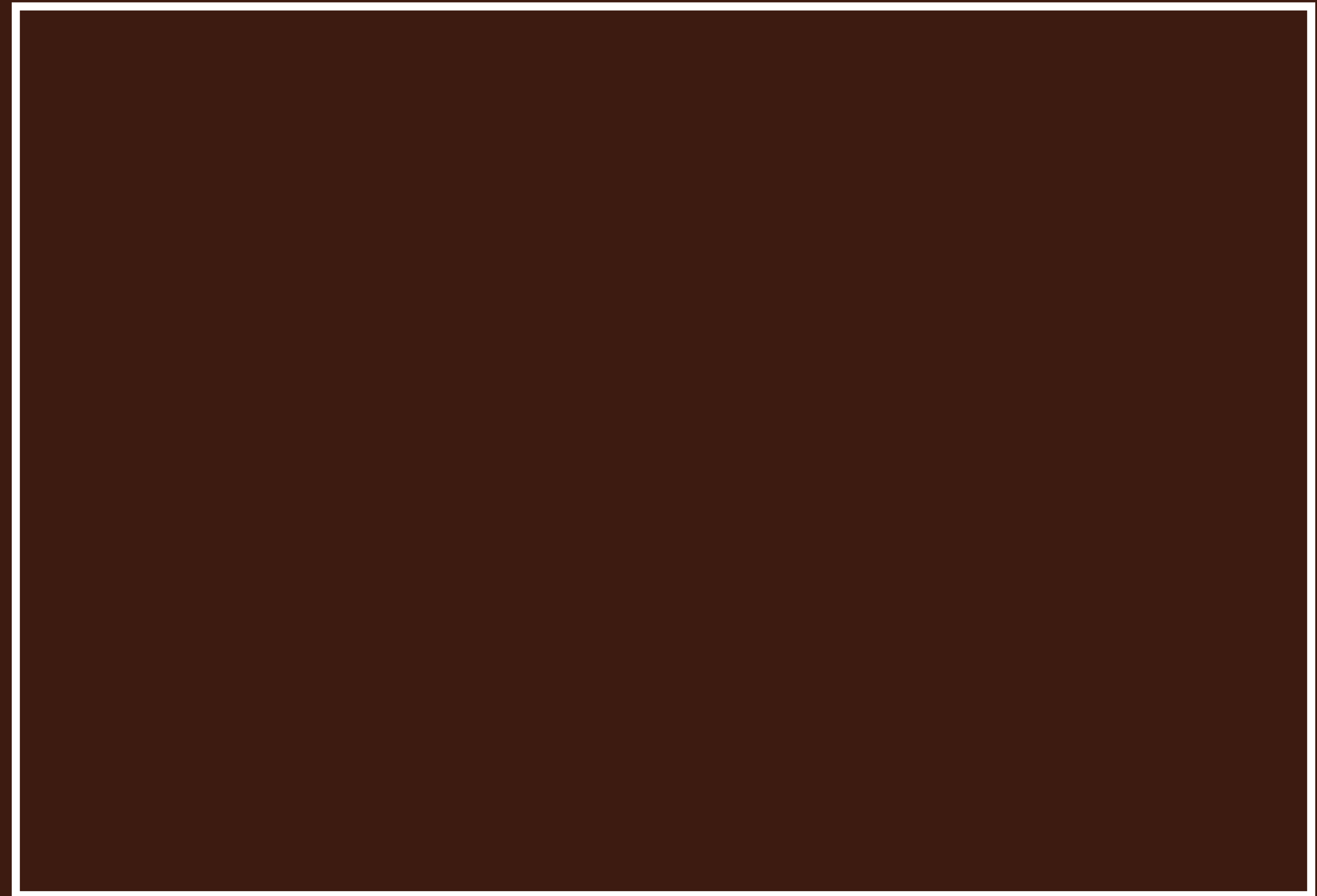
A pesquisa foi desenvolvida durante o curso de especialização em assistência técnica, habitação e direito à cidade pela Universidade Federal da Bahia junto com a Universidade de Brasília.

O projeto se dedicou a atender a demanda da comunidade do Quilombo Mesquita de acordo com o repertório do grupo Periférico da Faculdade de arquitetura e urbanismo da UnB e adotando como parte da metodologia a participação da comunidade. A autora buscou se aprofundar nos lugares de memória dos quilombolas como forma de compreender a cidade e as questões sociais que atravessam o território com a finalidade de fazer um levantamento de material patrimonial arquitetônico.

O casarão Aleixo Pereira Braga se tornou o centro da pesquisa devido a sua grande importância dada pela comunidade. Se trata de um símbolo histórico de resistência e memória do Mesquita. A pesquisa, por fim, fez um levantamento fotográfico, inventário participativo, levantamento empírico do Casarão identificando as principais patologias da edificação e possíveis intervenções para otimizar o uso do espaço.

7

**O QUILOMBO MESQUITA, SEUS PRODUTOS E A
CULINÁRIA TRADICIONAL**



Para compreender melhor a importância da culinária do Quilombo Mesquita para o seu desenvolvimento econômico e social, é preciso entender quais são os alimentos cultivados, como são produzidos, qual a relação das pessoas com a terra e como é realizada a divisão dos trabalhos dentro da comunidade.



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2022

7.1. Cultivo do Milho

Segundo dados da tese de doutorado desenvolvida por Robervone Nascimento na faculdade de agronomia e medicina Veterinária cerca de 2 hectares do solo são utilizados para plantio de grãos e nos últimos 10 anos esta área foi cultivada apenas com milho. O tratamento de adubo do solo no plantio é feito de anualmente com o fertilizante NPK (nitrogênio, fósforo e potássio) na formulação 4-30-16 (500 kg/ha). Esta última informação diz respeito a proporção de cada elemento.

Antigamente a comunidade utilizava sementes “crioulas” para guardar a semente de um ano para o outro. Atualmente poucos agricultores utilizam essa prática, principalmente devido ao medo das pragas atraídas pelas monoculturas vizinhas, como Helicoverpa e cupim. Alguns agricultores acabaram utilizando insumos químicos contra essa praga e melhorar a produção, principalmente devido a alta oferta desses insumos agrícolas na região de Luziânia e da Cidade Ocidental. O plantio é feito, em sua maioria, com o maquinário disponibilizado pela prefeitura de Cidade Ocidental, mediante pagamento de uma taxa de R\$ 40,00 por hora. As operações consistem de aração, gradeamento e plantio.

A colheita da produção de milho é feita manualmente e os grãos são comercializados na comunidade para pro-



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2022



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2022

duzir ração para as galinhas e os porcos.

O milho apresenta um grande fator positivo que é a possibilidade de poder ser armazenado por muito tempo sem acarretar perdas na sua qualidade. A colheita é feita quando os grãos apresentam uma umidade entre 30% e 35% o que esteticamente é caracterizado por uma camada preta na região da extremidade anterior do grão. A colheita é feita de maneira manual, é o que se entende de “colheita direta” onde os produtores colhem as espigas colocam em uma carroça ou qualquer outro meio de transporte de curta distância (carrinho de mão). Tal processo ajuda a evitar o contato das espigas com a umidade e as pragas preservando a qualidade do alimento.

O processo de descascamento do milho é feito em grupo. Depois de descascado, é feita a limpeza. A colheita do milho é tão importante que é celebrada no mês de fevereiro.

Dentre os produtos obtidos através do milho, um dos mais relevantes é a pamonha. O preparo da pamonha envolve um pouco mais de cautela, visto que o processo envolve várias etapas: as palhas são reaproveitadas para embalar a pamonha e por isso devem ser mergulhadas em água fervendo para se tornarem mais maleáveis

e limpar as impurezas da superfície. Enquanto as palhas estão fervendo em uma panela, o milho é ralado.

O milho é peneirado, espremido até a retirada de todo o líquido e o bagaço é descartado. O líquido extraído é misturado com o coco ralado, o açúcar, o sal e deve ser misturado até adquirir a consistência de um creme.

Para realizar a embalagem da pamonha deve-se colocar na bancada cerca de duas ou três palhas uma na frente da outra com as laterais da palha encaixada para garantir a proteção de todo o conteúdo, tomando a forma de um cilindro. Utiliza-se um barbante para amarrar a extremidade da parte inferior de forma bem segura e a parte de cima fica solta voltada e com um auxílio de um funil é despejado o creme da pamonha. A pamonha é fechada deixando um espaço de 3 cm de espaço entre o recheio e o enlace. Depois de terminado o processo as pamonhas são levadas para a água fervente onde devem cozinhar por até 30 minutos e depois são retiradas com uma escumadeira, onde são deixadas em um recipiente para esfriar e depois ser distribuída para a comunidade.



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2022

7.2. A produção do Marmelo

O adubo utilizado para a produção da marmeleira é esterco bovino, o tratamento fitossanitário é realizado com calda bordalesa, fertilizante resultado da mistura de sulfato de cobre com cal virgem, diluídos em água e herbicidas, pois há escassez de mão de obra na região para a prática da capina, visto que boa parte da população jovem migrou para o meio urbano para trabalhar na construção civil.

No manejo da plantação nenhum maquinário é utilizado para se preservar as raízes das árvores. A poda do marmeleiro é anual, e era motivo de festejo na comunidade, ocorre no mês de julho, feito da seguinte forma:

1.Preparo da calda bordalesa;

2.Retirada dos ramos ladrões, tomando cuidado para não comprometer as gemas de produção e permanência de ramos para a frutificação;

3.Aplicação da calda bordalesa na área que foi cortada para evitar a entrada de fungos.

Antigamente todas as famílias participavam do processo do marmelo já que as atividades eram vastas, incluindo: o cultivo do marmelo, o cultivo da cana de açúcar

(*Saccharum officinarum*), a fabricação do açúcar, a fabricação das embalagens (caixas) de madeira e a confecção da própria marmelada. Atualmente só duas famílias realizam a fabricação de marmelada.

O marmelo é um fruto anual e de oferta muito baixa o que fez com que as pessoas utilizassem “freezers” para armazenar a “massa do marmelo” que já se encontra processada e congelada, faltando apenas colocar a calda de açúcar para o preparo do doce. O que permite que os produtores preparem o doce de acordo com os pedidos durante todo o ano.

As caixetas onde os doces de marmelo embalados é feita com madeira de Pinus que além de conservar as características do doce é uma madeira de baixo custo e de fácil localização. A madeira é comprada e entalhada pelos próprios produtores do doce que dão formas as caixetas que abrigarão o doce.





Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2022



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2022



7.3. Mexerica Pokan

O cultivo da mexerica ponkan (*Citrus reticulata*) é feito tanto em pomares caseiros quanto cultivos comerciais, onde exige uma maior mecanização na sua produção.

O processo adubação é feito anualmente utilizando cloreto de potássio que possui dosagens divididas ao longo do ano. O processo de irrigação é feito de forma natural através das chuvas. Há um certo cuidado por parte dos produtores em conter as pragas utilizando agroquímicos que acabam colaborando para uma plantação mais saudáveis.

O cultivo da mexerica foi uma das frutas que mais apresentou uma mudança na mecanização da sua produção e uma maior aderência aos insumos modernos e de uma certa forma fugindo dos moldes tradicionais da comunidade.

Porém foi observado que até o ano de 2020 os produtores de mexerica não possuem um sistema de produção eficiente. Por produzirem sempre no mesmo período o preço da mercadoria tende a ser baixo devido a alta demanda e infelizmente parte dos produtores se mostram mais aversos as mudanças para aumentar a produtividade.



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2021



7.4. Mandioca

O plantio da mandioca acontece no período das primeiras chuvas, entre o mês de julho até outubro. Não é feito nenhum tipo de adubação. São realizadas covas com cerca de 10 centímetros onde são colocadas manivas, folha moída da mandioca, com aproximadamente 10 centímetros de comprimento na cova. As capinas são feitas manualmente e o controle de pragas é feito com herbicidas. O processo de produção da farinha é feito de forma comunitária onde uns grupos, descasam, ralam, prensam a mandioca e outros torram (a torra é feita manualmente através de um rodo).

Processo da farinha:

1. Descasque da mandioca;
2. Lavagem das raízes;
3. Ralagem da mandioca no ralador elétrico;
4. Adiciona-se água em uma parte da massa da mandioca para obter a goma (polvilho caipira);
5. Coloca-se a massa de mandioca numa prensa de madeira com pesos na parte de cima para retirar o máximo possível de umidade;
6. A massa é retirada da prensa;
7. A massa é peneirada;
8. A massa é levada ao fogo. O fogo do forno é feito com lenhas que é colocado por debaixo do tacho;
9. A farinha é seca em tachos de ferro utilizando “rodos” de



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2021



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2021

madeira que auxiliam na manipulação.

10. E por fim, o produto é embalado em sacos de nailón para serem armazenados e comercializados ou distribuídos entre a comunidade.

7.5. Hortaliças

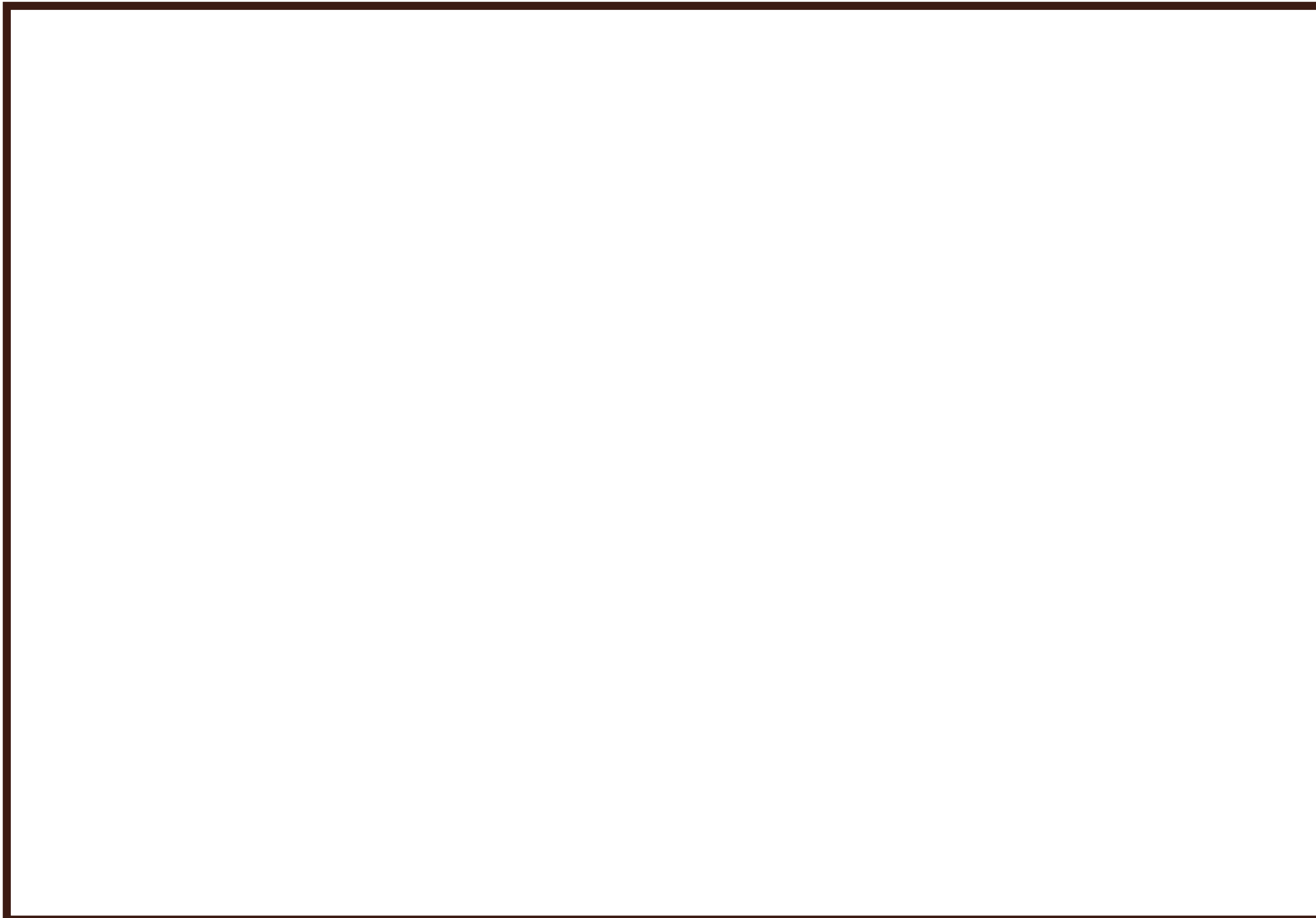
O cultivo de hortaliças possibilitou a geração de renda dentro da comunidade quilombola em especial devido ao uso de maquinários de pequeno porte que tem favorecido a produção em média escala. Tratores pequenos, caminhões para a entrega dos produtos e sistema de irrigação eficiente tem favorecido os horticultores.

O plantio sofreu uma significativa melhora com o Programa de Aquisição de Alimento (PAA) do Governo Federal no ano de 2012, mediante a atuação da ARENQUIM (Associação Renovadora do Quilombo Mesquita) em parceria com a Rede Terra, entidade de Extensão Rural do município de Cristalina em Goiás. Os horticultores tiveram um ganho na produtividade, conseguiram competir com os mercados melhores em Luziânia. Com o fim do programa alguns continuaram envolvidos na produção sustentável e outros desistiram por conta de endividamento com equipamentos financiados.





Fonte: José Cruz, Agência Nacional, 2018



7. 6. Cana-de-açúcar

Segundo uma pesquisa levantada por Danusa Lisboa, somente um produtor no local fazia rapadura para venda, neste caso é praticado a “meia” onde um produtor de cana fornece o produto e o fabricante de rapadura faz a moagem da cana e a produção da rapadura. A quantidade é dividida entre os dois. Há dois sabores produzidos na comunidade: a rapadura pura feita apenas de cana de açúcar e a rapadura com mamão e leite.

A produção da rapadura e do melado acontece da seguinte forma:

1. Colheita da cana;
2. Moagem e peneiramento do caldo para a retirada dos restos de bagaço;
3. O caldo é colocado em tacho de cobre e levado ao forno para fervura;
4. Limpeza do restante das impurezas;
5. Ocorre o cozimento do caldo até o ponto de “puxa”
6. Nesse ponto retira-se o melado;
7. Próximo passo é ponto de rapadura; A massa é batida e resfriada;
8. Após o total resfriamento é colocado em formas feitas de madeira para a modelagem.





Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2021



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2021



7.7. A culinária e as festividades do Mesquita

As festividades sempre foi marcada pela culinária do Quilombo Mesquita, muitas vezes a colheita era sinônimo de celebração como a Festa do Marmelo, por exemplo. A festa consegue atrair pessoas fora da comunidade e movimentar a economia do Quilombo. As celebrações são marcadas por música e danças tradicionais como a Catira, dança típica do Goiás.

A organização das conta com a colaboração dos produtores rurais da região, com amigos, empresários e pessoas que simpatizam com a luta do quilombo e sua história. Quando as festividades surgiram a intenção era arrecadar dinheiro para erguer o Santuário Nossa Senhora D'Abadia.

As festas mais conhecidas do Quilombo Mesquita são: as cavalgadas, A festa N'golo, a festa do marmelo (A festa da Nossa Senhora D'Abadia).

7.7.1. As Cavalgadas

As cavalgadas geralmente são realizadas no mês de janeiro. A procissão precede a festa do Marmelo. A festa do Marmelo tem a duração de dois dias, no primeiro dia de festa acontece o passeio a cavalo e no outro dia é celebrado uma missa em nome dos produtores de marmelo e depois disso acontece um almoço onde é servido a marmelada.



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2021

7.7.2. A festa N'golo

A festa N'golo geralmente ocorre em meados do ano, em julho. A festividade busca valorizar suas origens que também é angolana. Na primeira edição da festa que aconteceu em 2018 foi batizado uma bebida a base de Quiabo-de-angola (*Hibiscus sabdariffa*) que era conhecida popularmente como vinho de Quiabo-de-angola. Agora seu nome é oficialmente n'golo (ungolo). O nome se trata de uma dança antiga característica do povo Macupe no sul da Angola, com essa escolha buscou-se valorizar as raízes ancestrais do Mesquita. Sua primeira celebração contou com a participação de Aécio Van-dunem, príncipe angolano e com diversas lideranças do quilombo Mesquita além de mestres e patriarcas. A festa teve dois dias de duração e foi marcada por músicas, danças, fogueiras e também pela degustação e venda do N'golo além de outras comidas típicas da região a base de quiabo-de-angola, tudo isso sendo vendido por um preço acessível.

A planta Quiabo-de-angola que pertence a família da Malvaceas que tem sua origem registrada em países da África e da Ásia, porém foi espalhada em diversos outros países da América devido a sua fácil adaptação às condições climáticas. A planta ganhou diversos nomes no Brasil, como hibiscus, rosele, azedinha, quiabo azedo entre outros.

Devido à diversas possibilidades de usos na culinária tanto em pratos como em bebidas o quiabo-de-angola foi facilmente recebido na cozinha brasileira.



Fonte: FAU,UNB. s.d.



Fonte: FAU,UNB. s.d.

**FESTA
N'GOLO**

KILOMBO MESQUITA RESGATANDO RAÍZES

CONHEÇA O N'GOLO, COMIDAS TÍPICAS A
BASE DE QUIABO DE ANGOLA!
FOGUEIRA, ARTESANATOS, MÚSICAS,
DANÇAS E MUITO MAIS!

14 E 15 DE JULHO
DAS 10H ÀS 22H
NA ASSOCIAÇÃO, NO VIVEIRO
KILOMBO MESQUITA
REALIZAÇÃO: SOM DE KILOMBO

The poster features a central image of a raised fist holding a red hibiscus flower against a yellow background. The text is arranged in a clean, modern font, with the event name and dates in large, bold letters.

Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2019



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2019

7.7.3. A festa do Marmelo





Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2020

O marmelo é um item tão importante para a comunidade quilombola que todo mês de janeiro ocorre a celebração da tradicional Festa do Marmelo, celebrando a colheita do marmelo. As pessoas da comunidade se reúnem, fazem danças e expõem seu doce de marmelo. A festa foi criada em 2002 com a intenção de reformar a igreja Nossa Senhora D'Abadia, mas tomou uma maior proporção e foi integrada aos festejos anuais do quilombo, mantendo sempre os objetivos de arrecadar recursos para necessidades coletivas vinculadas à paróquia local.

Recentemente o governador Ronaldo Caiado reconheceu a marmelada de Santa Luzia como Patrimônio Cultural Imaterial de Goiás, a sanção do governador foi publicada no Diário Oficial de Goiás no dia 5 de abril de 2022. A autoria da proposição partiu do Deputado Coronel Adailton filiado ao partido PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro) à Lei N° 21.278 que reconhece a marmelada como patrimônio imaterial.



Fonte: Reprodução Facebook Quilombo Mesquita, 2020

8

REFERÊNCIAS DE PROJETO

8.1. Projeto de cozinha em Caparita

Considerando toda a importância que a culinária e a produção de alimentos tem para a comunidade, não só no desempenho econômico mas também nos valores tradicionais e culturais, vê-se a importância de se construir um espaço com maior equipamento, segurança e produtividade para a população. Pensando não só é reafirmar a identidade comunitária mas também colocar o Quilombo Mesquita no cenário competitivo de mercado.

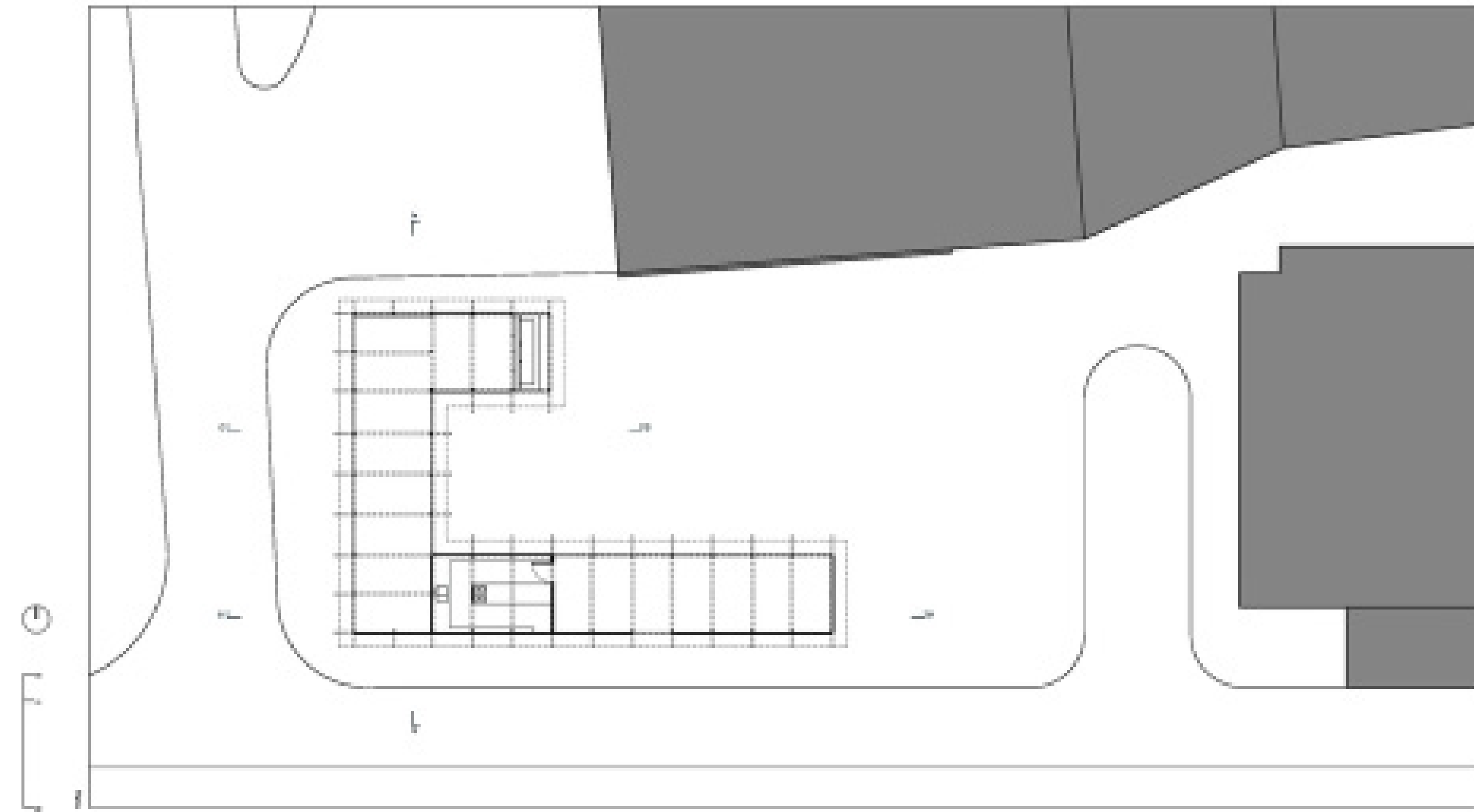
Considerando como mais alinhada ao projeto de pesquisa, o espaço da cozinha comunitária do Bairro de barracas Terras da Costa, Costa da Caparita, Portugal, construída pelo arquiteto Tiago Saraiva caracteriza um espaço aberto para a comunidade e para a natureza, além de possibilitar diversos usos para a cozinha: espaço de armazenamento, preparo, socialização.



Fonte Archdaily, 2018



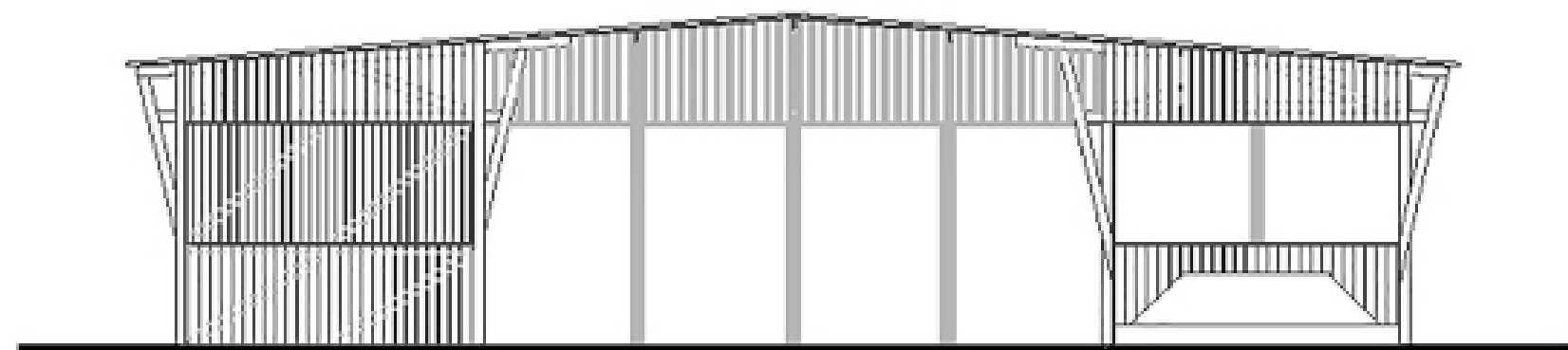
Fonte Archdaily, 2018



Fonte Archdaily, 2018



Alçado Norte



Alçado Nascente

Fonte Archdaily, 2018



Fonte Archdaily, 2018

8.2. Noomdo Orphanage, Koudougou por Diébédo Francis Kéré

O projeto do Orfanato Noomdo, Koudougou pelo arquiteto Diébédo Francis Kéré Kéré se trata de um projeto habitacional situado na zona rural da província de Boulkiemdé próximo da cidade Koudougou. O material predominante era tijolo e cerâmica de pedra. O projeto trabalha com o conceito de vila e está disposta em cinco edifícios modulares situados em uma configuração central. A vila apresenta espaços de socialização e serviços como refeitório ao ar livre, oficina, armazenamento e vestiários. Cada edifício modular possui um pátio particular que confere uma privacidade e segurança para cada espaço.

Na parede e no piso externo foram usadas pedras de laterita (um tipo de rocha rica em ferro e alumínio), para as abóbodas de berço foram utilizados tijolos de argilas comprimidos. O projeto conta também com uma estrutura metálica no telhado sustentadas por armações espaciais de aço para proteger o espaço de chuvas e incidência solar direta.

A escolha dos materiais levou em consideração à fácil disponibilidade destes produtos e sua viabilidade econômica, além de serem materiais muito utilizados na região. Em relação ao conforto térmico foram projetadas aberturas na parte superior do quarto para a liberação

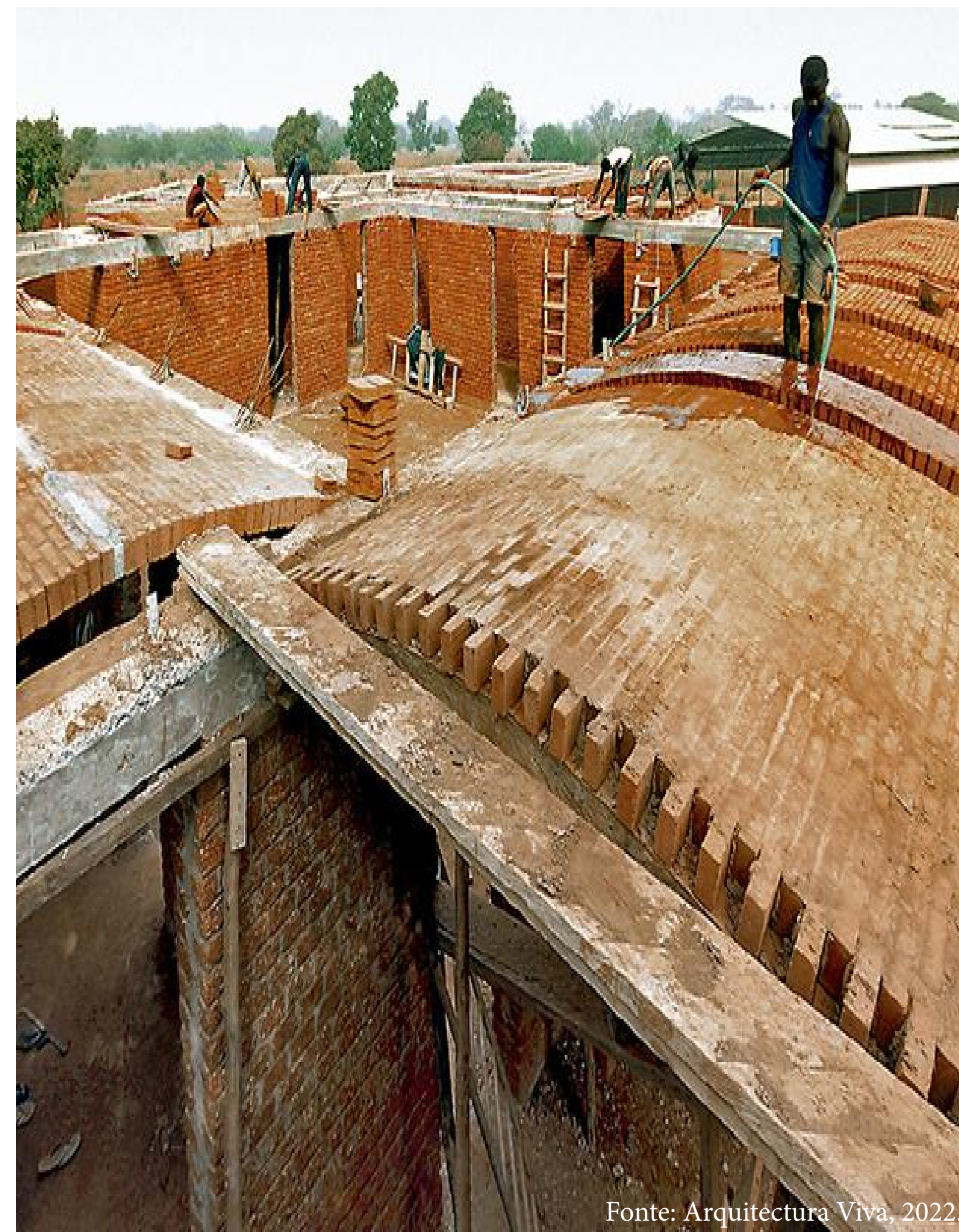
da massa de ar quente e a massa de ar frio entra pelas janelas permitindo uma circulação fluida no interior do espaço, facilitando esta dinâmica o local também possui uma base de concreto com seção em forma de S que faz o direcionamento do ar para os quartos. Além disso os caixilhos estreitos das janelas do chão ao teto forrados com mosquiteiros que conseguem garantir a privacidade do local e iluminar e ventilar ao mesmo tempo, além de possibilitar o controle visual interno através de persianas de madeira. Os elementos modulares da janela utilizam materiais reciclados de uma oficina próxima ao canteiro de obras do local.

A setorização do conjunto habitacional está separada em duas alas ao longo dos lados nortes e sul para dormitórios femininos e masculinos. Os aposentos são divididos por idade separado dos de 12 a 17 anos. O módulo de alojamento também é equipado por chuveiros próprios garantindo uma privacidade ao grupo nas atividades mais corriqueiras.





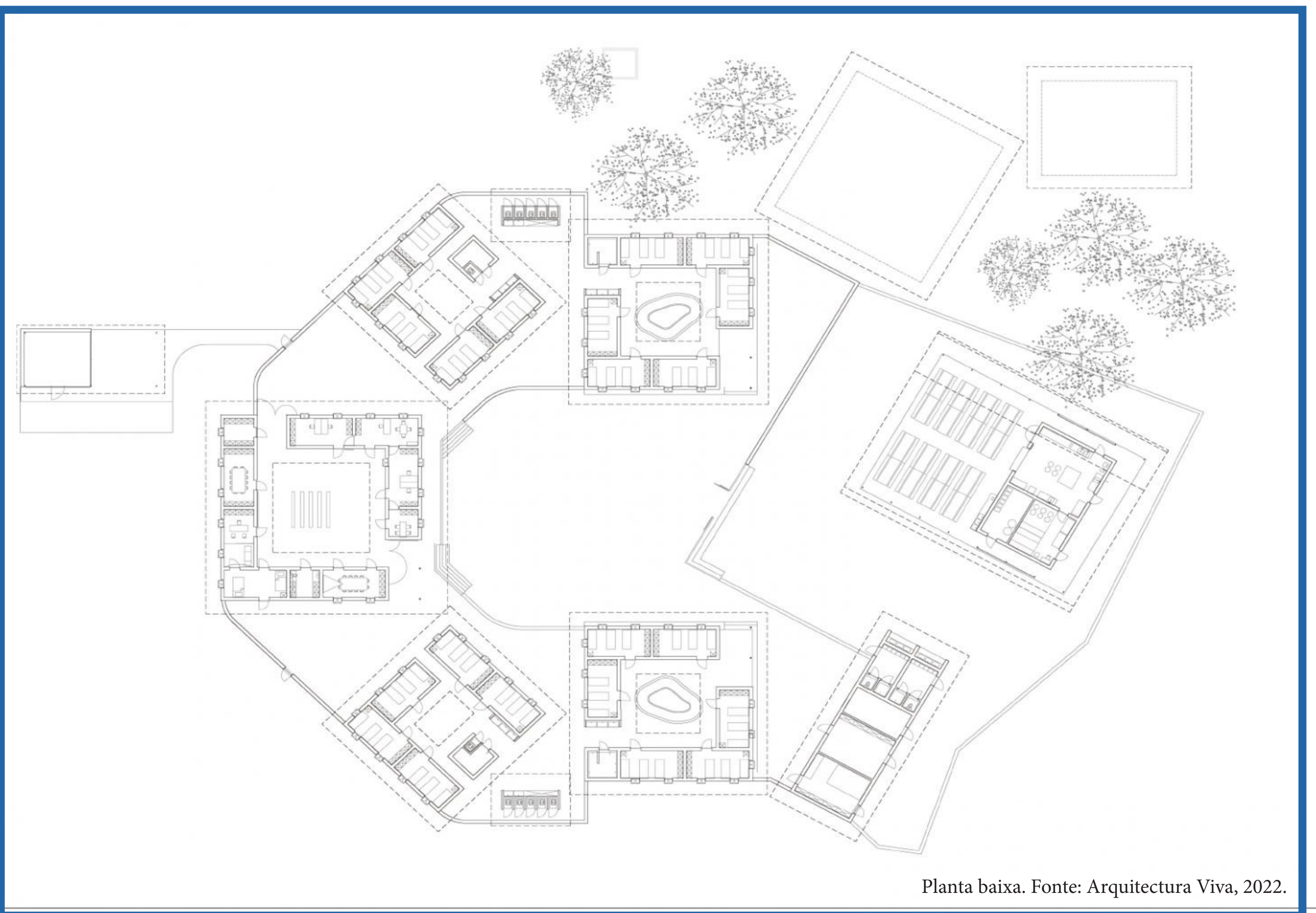
Fonte: Arquitectura Viva, 2022.



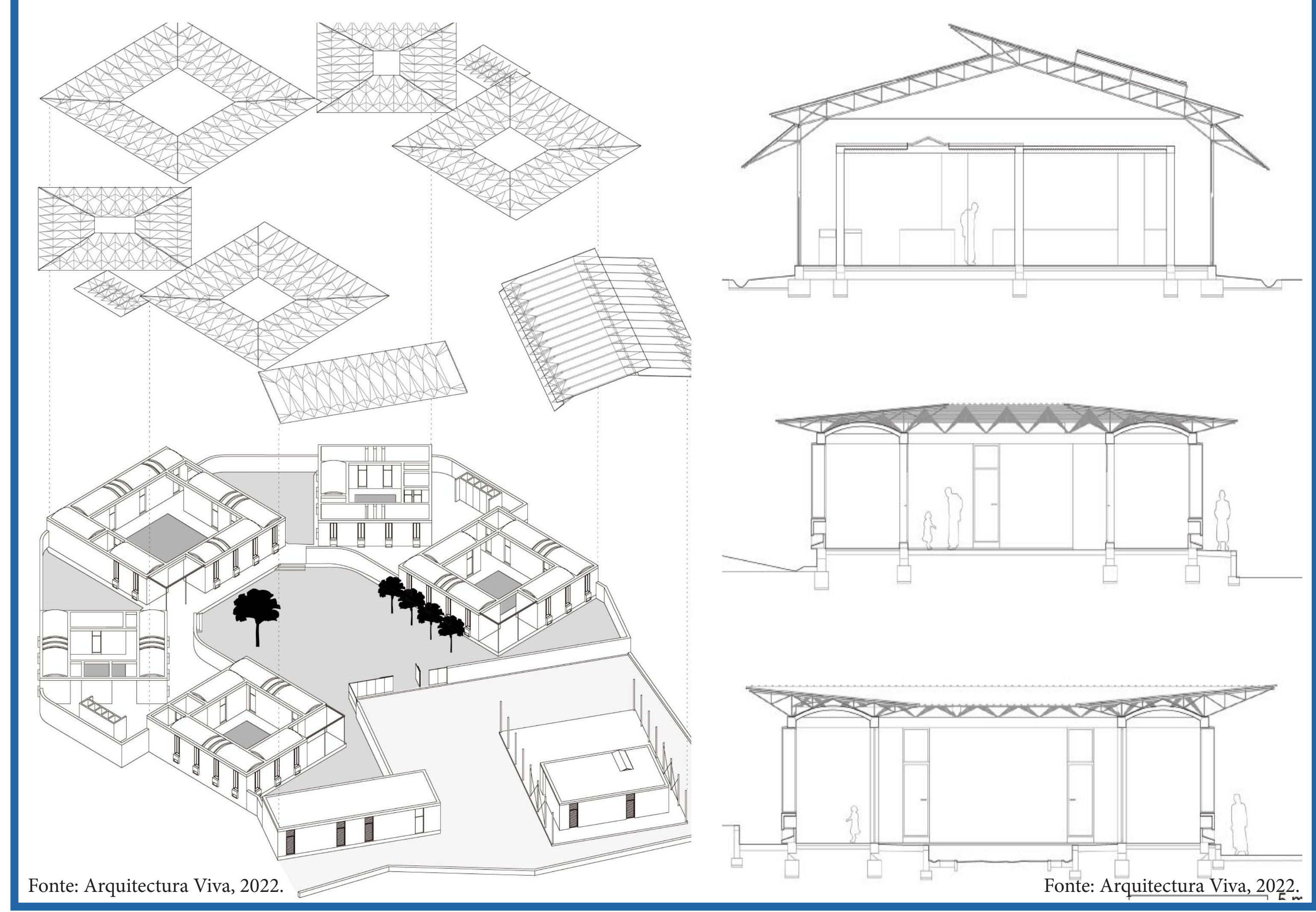
Fonte: Arquitectura Viva, 2022.



Arquitectura Viva, 2022.



Planta baixa. Fonte: Arquitectura Viva, 2022.



Fonte: Arquitectura Viva, 2022.

Fonte: Arquitectura Viva, 2022.



Fonte: Arquitectura Viva, 2022.



9

ARQUITETURA QUILOMBOLA

Antes de entrar na arquitetura quilombola brasileira é preciso compreender um pouco da formação identitária do Brasil. Como a influência de povos africanos configuraram a formação dos quilombos. Segundo historiadores o Brasil vivenciou três ciclos de entrada de negros africanos. O primeiro ciclo começou por volta do século XVI com o povo de Guiné e foi até o segundo ciclo que era o povo de Angola até o século XVII e o terceiro da costa da mina do golfo de Benin por volta do século XVII (até 1815) que terminou em 1856. A região sudeste do Brasil foi a que mais receberam os bantos (Moçambique e Angola). No século XVI a Bahia e o Rio de Janeiro boa parte dos negros escravizados era sudaneses.

Alguns relatos de historiadores e geógrafos levantaram na época características comuns na arquitetura africana como, por exemplo, a configuração dos conjuntos familiares “em forma de Krall” onde o krall tem a tradução direta para “cercado”, ou seja, as comunidades se organizavam dentro de cercados que possuíam além das residências espaços para plantação, trabalho, espaços para cerimônias e celebrações religiosas, espaço para criação de animais. A junção de kraals era denominado de uma aldeia “Kilombo” que geralmente eram marcados por largas e extensas vias paralelas e ortogonais entre si.

Um aspecto que chamava atenção é que os povos sudaneses possuíam bosques sagrados, áreas verdes sombreadas que serviam de abrigo para as entidades (orixás) no Brasil esse espaço é conhecido como terreiros. Além da separação dos espaços familiares acontecerem através de cercas de taipas ou espinheiros e as plantas baixas geralmente, quadradas ou retangulares. O espaço da residência era chamado de cubatas, habitação rústica e precária, coberta de palha, para o arquiteto Günter Weimer as cubatas “é o como uma construção que abriga uma única atividade, como uma cozinha, um dormitório, uma sala de trabalho, um celeiro, um sanitário” parte dessas características visuais são encontradas no Área da comunidade Kalunga que se estende por Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, na região da Chapada dos Veadeiros.

O quilombo no Brasil surge como um espaço de refúgio das pessoas negras escravizadas e possuíam aspectos bem interessantes em relação à sua organização e implantação: possuíam definições bem marcadas de arruamento, posicionamento das casas considerando aspectos topográficos e climáticos, o espaço era pensado para manter as relações comunitárias.



Área da comunidade Kalungase estende por Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, na região da Chapada dos Veadeiros. Fonte: Crédito: Paulo de Araújo/Ministério do Meio Ambiente



Quilombo Cangume, Itaóca (2004). Foto:

Muitos elementos são característicos do planejamento arquitetônico e urbano do quilombo como por exemplo, vivem na margem de corpos hídricos como rios que muitas vezes são utilizados como fonte de alimento e claro, irrigação e abastecimento. A presença de animais de pequenos e grandes portes vivendo próximo das residências como galinhas, gados e cachorros.

Segundo Aguiar Maciel (1952) os quilombos eram aldeias bem planejadas onde existiam casa do conselho, igreja, fortificações instaladas de forma estratégica, espaços de lazer, quintais e espaços para plantio (roça) apresentando uma configuração espacial bem definida. Maciel relatou que as comunidades africanas e brasileiras têm alguns pontos em comum, entre elas, a relação que tinham com a terra, o respeito com a natureza e a necessidade de preservá-la já que depende desta para sobreviver praticando a policultura. A disparidade econômica entre os moradores é pequena.

Alguns elementos arquitetônicos provenientes da África Central influenciaram a arquitetura brasileira como o uso de pau de forquilha (pau-pereiro) para a estrutura da cobertura, cobertura com duas águas, cômodos pequenos, ausência de janelas.

Relatos interessantes sobre a arquitetura quilombola também foi encontrada na região do Espírito Santo, em especial a comunidade quilombola de São Critovão, a cobertura de palha ou madeira, paredes externas eram finas para evitar a umidade e eram do mesmo material que as paredes internas, divisão interna simples com salas grandes para a recepção de pessoas e geralmente setorizada em duas grandes áreas: área de serviço (preparar alimentos) e a área mais íntima (estar e dormir). As portas eram direcionadas para os ventos dominantes e possuíam duas portas onde uma era na frente, mais acessada pelos homens e a outra era localizada no fundo da casa, mais acessada pelas mulheres. O processo de construção das casas também é relatado como sendo algo comunitário através dos mutirões, as mulheres carregavam água e os homens levantavam a casa.

Há um aspecto místico muito presente na arquitetura africana que foi reproduzida pelos quilombolas brasileiros: o círculo. Para a cosmologia africana este elemento simboliza a continuidade das energias que estão unidas através de um elo para a edificação do ciclo da vida, esse formato é muito utilizado nas praças, nas delimitações de espaços e nas celebrações.



Com o passar do tempo e com as transformações urbanas como a presença de rodovias, a expansão imobiliária a relação com o espaço, com os rios e com a comunidade foi ficando cada vez mais distante refletindo um pouco na arquitetura que foi aderindo novos materiais na sua concepção.

Tratando de culinária o referencial histórico permanece o mesmo. A dieta dos povos africanos era baseada no feijão, carne seca, farinha de mandioca, frutas (caju e banana). Os utensílios utilizados para cozinhar eram bem simples, as vendedoras de milho, por exemplo, utilizavam panelões de angu e fogareiros de barro, este último era considerado o elemento principal da cozinha se apresentava em diversas dimensões e quando utilizados na rua eram apoiados sob cavaletes improvisados. Elementos como tachos de ferro batido, colher de pau com cabo comprido e pedaços de pano de lã em cima da tampa também eram frequentes nesses espaços. Muitas das ferramentas utilizadas para cozinhar eram feitas pelos artesãos com madeira ou barro fabricavam diversos objetos como cadeiras, mesas, colheres de pau, pilão, recipientes, cuscuzeiras entre outros. A cozinha era um espaço de serviço e ao mesmo tempo de socialização entre eles. Devido a precariedade dos serviços de cocção a cozinha acabava se estendendo para o exterior da casa sendo espaços dedicados aos fogões a lenha.

Algumas religiões africanas o conceito de comer dentro de terreiros está ligado a viver, celebrar e prazer. O ato de comer está ligado a se alimentar espiritualmente, alimentar sua força vital, seu axé e o ato de preparar o

alimento é estabelecer uma relação de vínculo com sua comunidade, com seus antepassados. Pela comida e pelo ato de comer ser considerado de extrema importância dentro destes ambientes, a cozinha também é um espaço de muito cuidado e limpeza, até mesmo pela sua escolha. Em alguns espaços religiosos a cozinha é subdividida em relação à sua funcionalidade das cozinhas em: cozinha de santo/ritualística e a cozinha comum, de modo que se separe as funções e a permeabilidade por esse espaço, uma vez que por ser um espaço onde se produz o alimento ritualístico quem possui essa função, normalmente e em vários territórios, é de responsabilidade das pessoas tidas como mais velhas.

No quilombo Mesquita o espaço da cozinha é partilhado tanto por homens como mulheres, o preparo se estende além do espaço fechado. O ato de preparar não está relacionando com a privacidade de cada indivíduo para cada grupo é destinada uma função até chegar no processo e destino final. Produção esta que é passada de geração em geração, por isso o espaço da cozinha não se resume em apenas uma prestação de serviço, também é um local de convívio e troca de saberes. O seu espaço precisa ser receptivo, acolhedor, funcional e dinâmico.

Os espaços de Cozinha do restaurante do Engenho II em Cavalcante no Quilombo Kalunga apresenta



Cozinha do Engenho II em Cavalcante. Quilombo Kalunga. Fonte: Liza Andrade, s.d.



Restaurante quilombola da Chapada dos Veadeiros Fonte: Renata Canto, 2019

características já citadas como o uso de utensílios simples de madeira, alumínio, o uso do fogão a lenha. E os materiais utilizados na sua construção se resume em estruturas de madeira para a cobertura e palha para garantir a proteção do seu conjunto. Nas vedações o sistema de pau a pique e também os tijolos cerâmicos. O espaço é bem aberto o que permite uma maior permeabilidade não só visual como de passagem.

A cozinha não é tão afastada e nem possui tanta privacidade em relação aos restaurantes convencionais, sendo possível entender a dinâmica do espaço. O espaço do fogão a lenha é construído com tijolo de cerâmica. A planta baixa apresenta divisórias simples, possuindo às vezes só uma vedação de palha com madeira para dar um pouco de privacidade para a cozinha, ou até mesmo ter um maior controle do fluxo de ar e até servir para conduzir a fumaça liberada pelos fornos. O piso geralmente não apresenta revestimento sendo somente “barro pisado” ou uma simples camada de concreto magro. A estética da arquitetura quilombola é brutalista, valorizando os materiais da região e garantindo um espaço econômico e funcional.



Cozinha do Engenho II em Cavalcante. Quilombo Kalunga. Fonte: Liza Andrade, s.d.



Restaurante quilombola da Chapada dos Veadeiros Fonte: Renata Canto, 2019



Restaurante quilombola da Chapada dos Veadeiros Fonte: Renata Canto, 2019



Restaurante quilombola da Chapada dos Veadeiros Fonte: Renata Canto, 2019

10

ANÁLISE TERRITORIAL

10.1. A proposta do complexo esportivo da prefeitura da Cidade Ocidental



Proposta do Complexo Esportivo do Mesquita pela prefeitura da Cidade Ocidental. Foto. Reprodução Facebook Cidade Ocidental, 2022

A proposta do Complexo do Mesquita propõe espaços como academia do idoso, Academia da saúde, quadra poliesportiva, Unidade Básica de Saúde, Centro de Tradições Regionais e um Centro Ecumênico. A responsabilidade do projeto é atribuído à Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, Mobilidade e habitação. O projeto foi discutido no dia 24 de junho por meio de um orçamento participativo realizado na Escola Alípio Pereira Braga por volta das 19 horas.

Segundo relato de moradores, a comunidade foi surpreendida com a proposta e há poucas especificações do projeto, isso reflete também na dificuldade de se encontrar materiais mais específicos sobre a proposta, o que para parte da população não passa de uma campanha sensacionalista no período de eleições.

A intervenção ocuparia aproximadamente 250.000 m² da área total de intervenção. Para alguns representantes, além da campanha política, o interesse real das autoridades é ocupar toda a área e descaracterizar o território quilombola, por isso é de extrema importância pensar em uma contraproposta mais ampla.

10.2. Análise territorial da área de intervenção

A pesquisa sofreu algumas alterações no decorrer do caminho. A princípio o projeto teria ser voltado para a construção de um espaço de cozinha na Associação do Quilombo Mesquita. Porém a pesquisa foi mudando de rumo devido aos problemas de acesso ao espaço da Associação e também pela necessidade urgente de lançar uma contraproposta ao Complexo do Mesquita que foi elaborado pelo governo Municipal da Cidade Ocidental sem a participação e aprovação popular em uma área quilombola. A proposta do Complexo do Mesquita propõe espaços como academia do idoso, Academia da saúde, quadra poliesportiva, Unidade Básica de Saúde, Centro de Tradições Regionais e um Centro Ecumênico. A responsabilidade do projeto é atribuído à Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, Mobilidade e habitação. As representações do quilombo afirmaram surpresa e negação do projeto visto que não foi dialogado com a comunidade ficando todos surpresos com a proposta.

Com isso a comunidade tem a missão de lançar uma proposta para tentar barrar a investida do governo municipal, lançando um projeto que melhor se relacione e compreenda as necessidades do Mesquita. A contraproposta inicial foi a do complexo gastronômico considerando a importância que a culinária tem para a economia e a história do povo. Mas com a evolução das pesquisas

e das discussões foi concluído que era necessário ocupar todo o espaço disponível como forma de reafirmação no território e assim passou a ser elaborada a proposta de um Complexo Cultural.



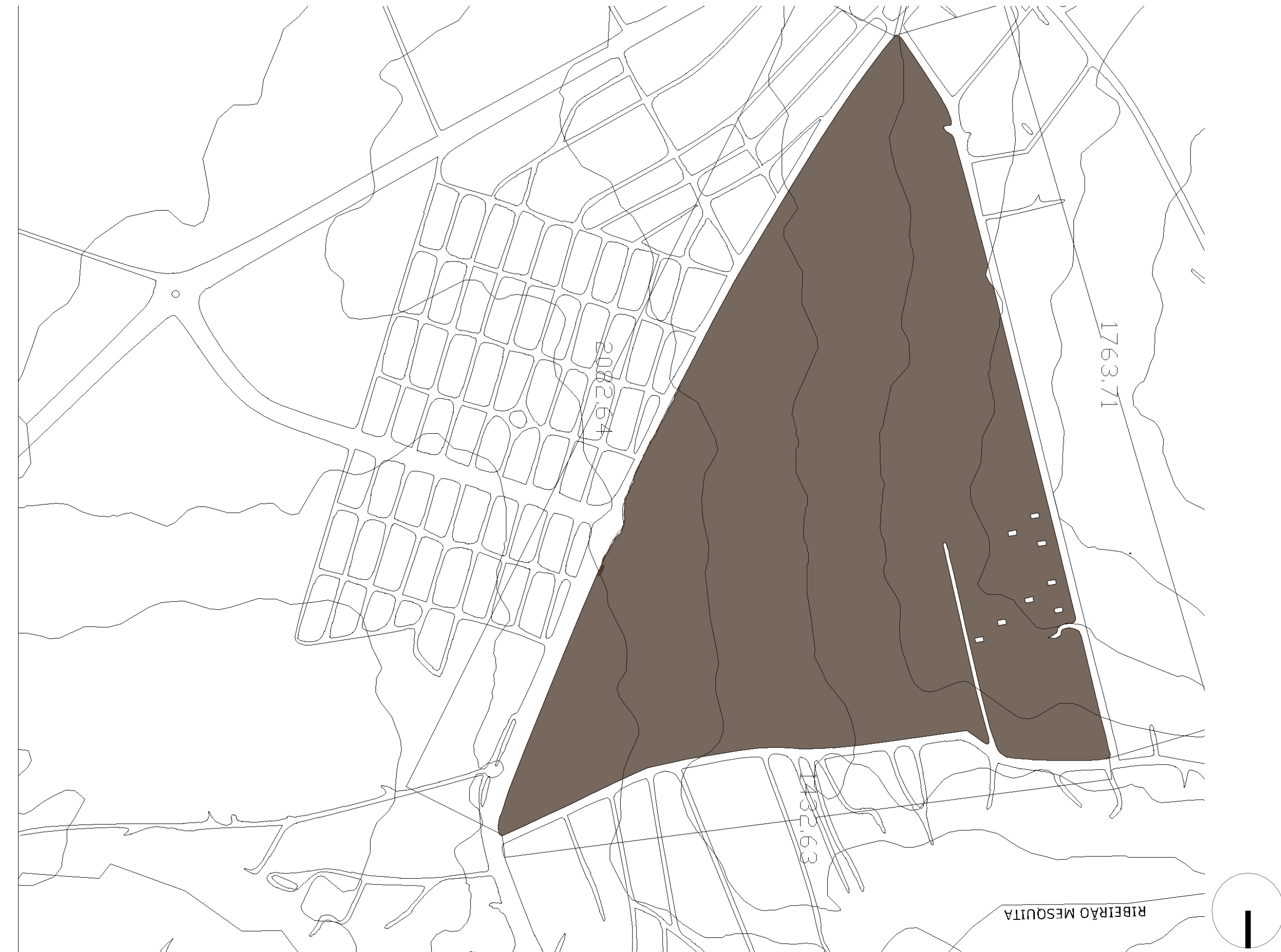
Mapa (01) de localização do Quilombo Mesquita em relação a Brasília. Fonte: Mariane Paulino (2017).

Legenda: ● Área de intervenção da proposta do Complexo Cultural do Mesquita, 2022



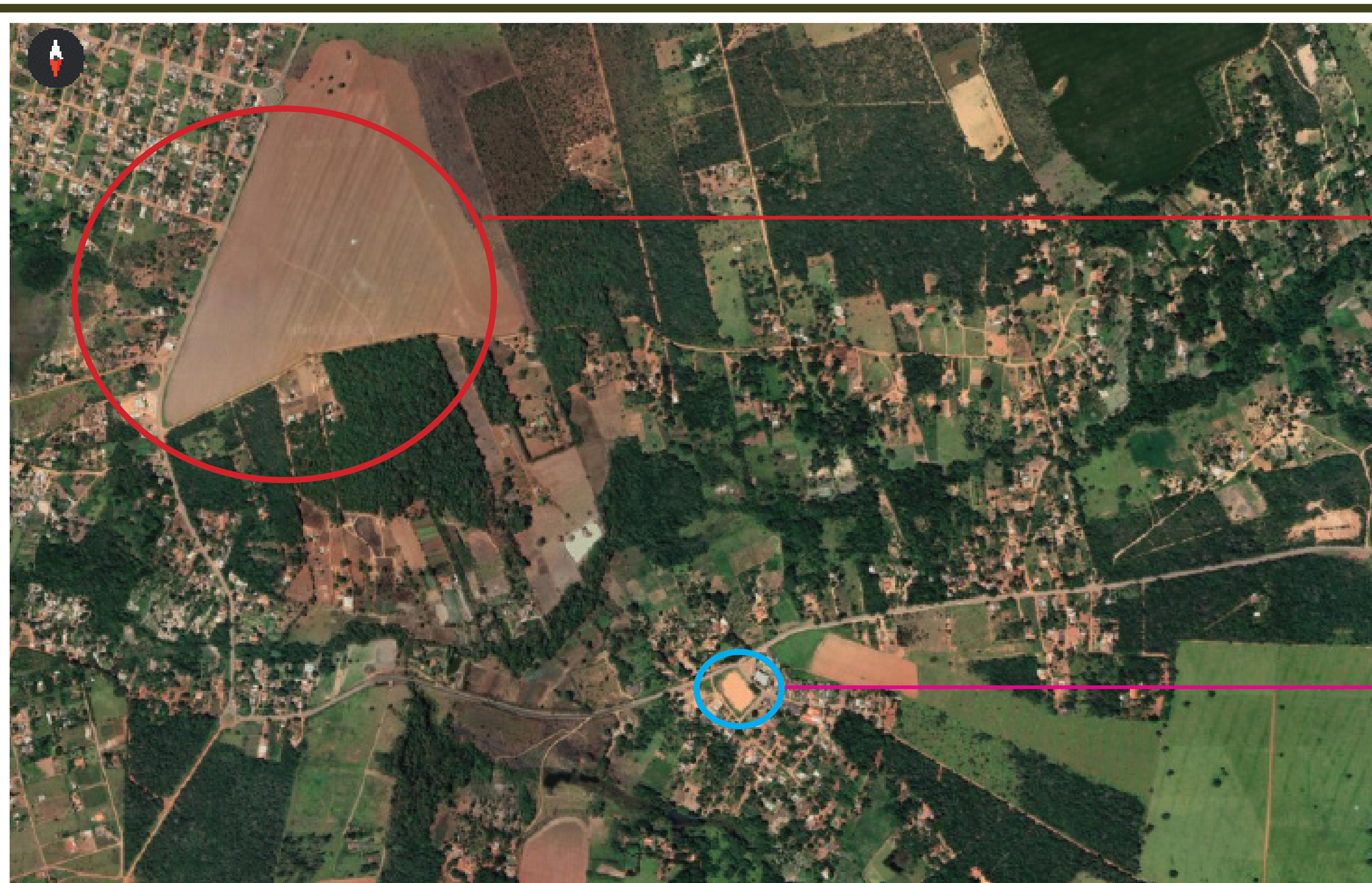
ÁREA = 14.124 m²

Área de intervenção da proposta do Complexo Esportivo do Mesquita pela prefeitura da Cidade Ocidental. 2022



ÁREA = 1.313.905,53m²

Área de intervenção da proposta do Complexo Cultural do Mesquita, 2022



Área de intervenção da proposta do Complexo. Fonte: Google Maps, 2022

600 metros



Igreja Nossa Senhora D'Abadia. Foto. Valmor Filho, 2022

A área de intervenção é conhecida pela comunidade como "rabeira" e pertence a família Lisboa, atualmente foi "alugada" para a plantação de soja que ocupa o território por completo. A região faz divisa com a via GO-521, principal via de acesso ao quilombo e também com uma área de vegetação densa. Há algumas casas dispersas na região e poucos comércios como uma distribuidora e uma casa de material de construção.



A área de intervenção fica a 2,2 km da Igreja Nossa Senhora D'Abadia . Foto. Valmor Filho, 2022



Área de intervenção da proposta do Complexo. Fonte: Google Maps, 2022

900 metros



A linha 8002 é a única linha que circula no Quilombo Mesquita, fazendo a rota Plano Piloto - Cidade Ocidental. Fonte: Leonardo Gonçalves, 2020.

O acesso ao transporte público para o Quilombo Mesquita é bem restrito, possuindo apenas uma linha de acesso a 8002 que faz o percurso saindo da rodoviária do Plano Piloto com duração de quase 1h30 minutos de viagem até chegar no quilombo, seguindo pela DF-140 até chegar na DF- 521. A tarifa atual da passagem é R\$ 6,00. O primeiro horário, saindo da rodoviária, é 6:40 da manhã e o último é 22:40, possuindo o intervalo de 1 hora entre cada um.



Ponto de ônibus. Fonte: Google Maps, 2020.



Fonte: Google Maps, 2022

100 metros



Distribuidora de bebidas. Fonte: Google Maps, 2022.

O quilombo Mesquita apresenta uma configuração típica de cidade rural, poucas vias asfaltadas, áreas muito arborizadas, casas de um pavimento com varandas e quintal e poucas regiões de comércio. Muitas vezes o comércio se confunde com a residência ou ficam dispersos ao longo da estrada como feiras improvisadas, tentando atender aos viajantes que por ali passam.



Principal via de acesso ao Quilombo Go-521. Fonte: Google Maps, 2022.



Fonte: Google Maps, 2022

1 - O entorno possui uma área verde muito densa, a estrada é de barro. Foi observado que não há muitos equipamentos na região e tampouco estabelecimentos.



Chão de terra, sem asfalto e contraste da vegetação natural e do agronegócio. Fonte: Google Maps, 2022.



Vegetação densa no entorno. Fonte: Google Maps, 2022.



Fonte: Google Maps, 2022

100 metros



Casa de material de construção. Fonte: Google Maps, 2022.

2 - Estabelecimentos dispersos como casa de material de construção.



Via GO-521. Fonte: Google Maps, 2022.



Fonte: Google Maps, 2022

100 metros

3 - Presença de distribuidora de alimentos e bebidas e alguns bares. A região tem acesso a via GO-521 e possui ramificações em estrada de barro. As ruas orgânicas apresentam vegetação de grande porte um pouco dispersa e também casa térreas isoladas. A região só apresenta uma linha de ônibus que faz o trajeto Rodoviária do Plano Piloto e Cidade Ocidental de numeração 8.002. A linha possui horário tabelados com espaços de 1 hora entre cada ônibus o que torna o acesso difícil.



Distribuidora de bebidas. Fonte: Google Maps, 2022.



Distribuidora de bebidas. Fonte: Google Maps, 2022.

10.3. Dimensão de sustentabilidade

Considerando as diversas potencialidades do quilombo, foi feita uma setorização dos aspectos mais importantes para melhor compreender o espaço. O primeiro aspecto é a dimensão social. Durante a visita foi observado que o quilombo não apresenta separação de trechos de pedestres, ciclovia e também acessos aos carros. A marcação das vias só acontece na rodovia GO-521. As casas são dispersas e algumas apresentam muros na e cercas para marcação do espaço privado.

SITUAÇÃO EXISTENTE

A comunidade carece de espaços voltados para a socialização de forma pública, o que se encontra geralmente são bares. Festas e celebrações acontecem geralmente em espaços como escolas públicas, igreja e em alguns casos na casa dos moradores, utili-

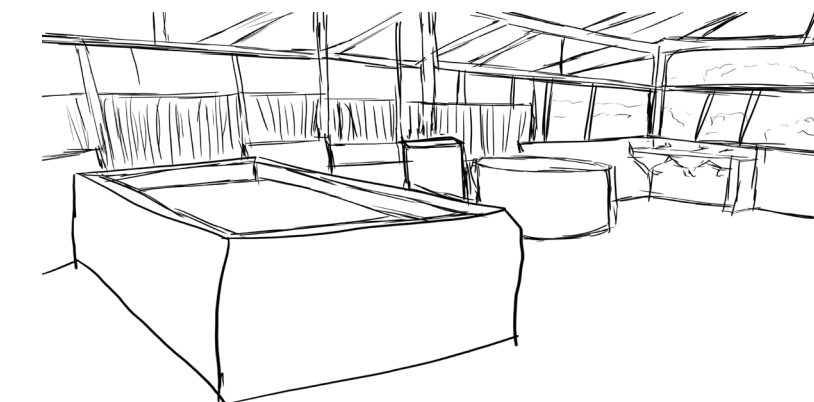


Espaços comunitários existentes na residência dos moradores. Fonte: Renata Canto, 2022.

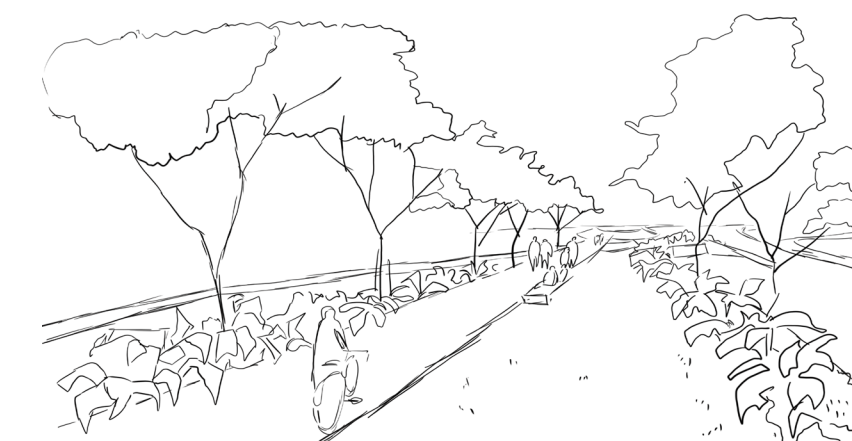


Paradas de ônibus. Fonte: Google Maps, 2022

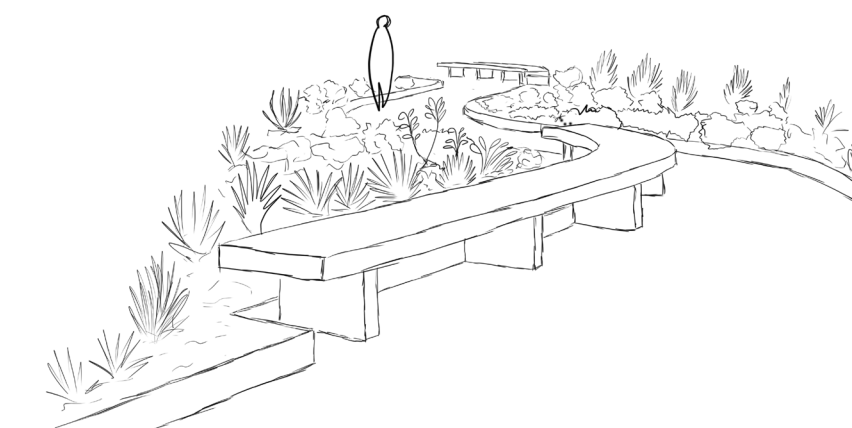
SOLUÇÃO



Espaços de produção e socialização. Fonte: Renata Canto, 2022



Pistas de caminhada arborizadas. Fonte: Renata Canto, 2022



Equipamentos urbanos. Fonte: Renata Canto, 2022

DIRETRIZES

- Criação de um complexo gastronômico que consiga contemplar a comunidade em aspectos além da produção e divulgação dos materiais. Um complexo que possua espaços de cozinha, educação, lazer, saúde, memória e partilha da religião que é um elemento muito forte de identificação na comunidade do quilombo mesquita.;

- Criação de parques e reflorestamento como forma do espaço se reintegrar com o entorno e propiciar momentos de lazer e bem-estar para a comunidade, valorizando a cultura do bem-viver praticada pela comunidade;

- Criar caminhos arborizados e espaços de contemplação no complexo;

- Pensar em espaços que remetam a arquitetura quilombola, casas térreas e de fácil execução e manutenção;

10.4. Dimensão de sustentabilidade cultural-emocional

O espaço quilombola apresenta casas mais afastadas com quintais voltados para produção de vegetais, animais e também uma área de socialização. O afastamento não afeta na relação entre os vizinhos, mas reforça a ideia de conexão com a natureza e a necessidade de uma certa privacidade considerando os laços afetivos já que a relação de vizinhança ainda é muito forte.

As festas realizadas no quilombo são comunitárias então é comum que eles se organizem nas responsabilidades como comidas, bebidas, decoração, quadrilha, caixa de som e a arte de divulgação.

Ultimamente este senso de comunidade não está tão estreito como era antigamente, visto que algumas pessoas do quilombo não se consideram quilombolas e recusam a associação com este título o que faz com que algumas festas organizadas por este grupo acabe sendo boicotada pelas pessoas que defendem a existência do quilombo. As pressões por parte das imobiliárias e também por algumas autoridades fazem com que a população fique dividida e alguns passam a associar o conceito de quilombo como algo negativo, atrasado e que precisa ceder as "inovações da cidade grande". Porém, atividade como produção de farinha, doces, entre outros continuam sendo atividades comunitárias o que possibilita a discussão

destas pautas políticas mesmo que de maneira informal, trazendo uma conscientização maior para o grupo e criando estratégias para que os mais novos também possam se engajar na luta.

SITUAÇÃO EXISTENTE



A igreja Nossa Senhora D'Abadia e a praça como principal ponto de encontro da comunidade. Fonte: Valmor Filho, 2022

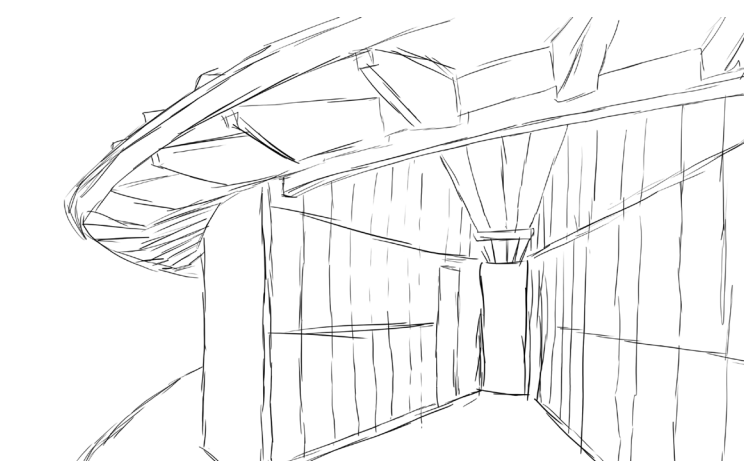


A comida como elo de ligação e ancestralidade dentro da comunidade. Fonte: Renata Canto, 2022.

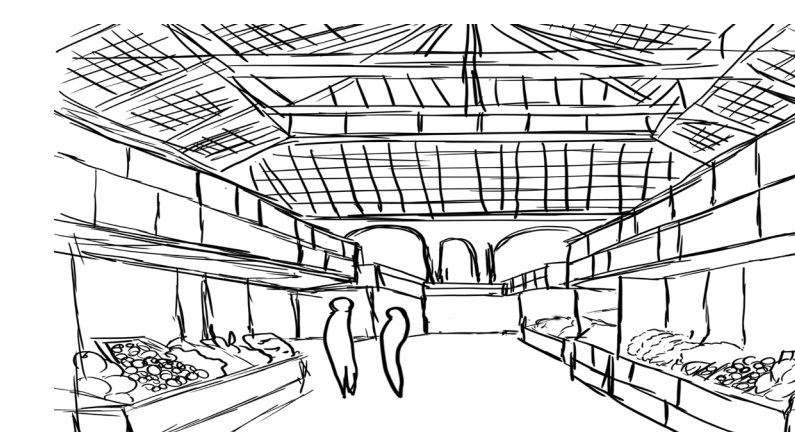
SOLUÇÃO



Espaços se se prolonguem para o exterior. Fonte: Renata Canto, 2022



Espaços que sejam mais permeáveis. Fonte: Renata Canto, 2022



Centro gastronômico. Fonte: Renata Canto, 2022

DIRETRIZES

- Criar espaços que consigam reafirmar a identidade do quilombo como espaços livres e espaços arborizados;
- Colocar as praças como elementos centrais e de encontro, além de pensar em espaços livres entre uma edificação e outra estimulando a permanência das pessoas nessas áreas livres.
- Criar edificações com uma planta baixa mais livre que permita uma maior circulação de pessoas, ventilação cruzada e aberturas que favoreçam a iluminação natural.
- Criar espaços mais permeáveis propondo uma maior integração com a natureza.

10.5. Dimensão de sustentabilidade ambiental

O Quilombo Mesquita está com cerca de 80 % do seu território ocupado por invasões não quilombolas e isso reflete nas relações ambientais. O território é tomado pela monocultura da soja, alguns moradores relatam o desrespeito quando são colocados os agrotóxicos na área, muitas vezes utilizam transporte aéreo que dispersa todo o produto na região afetando a saúde dos moradores e também sua produção agrícola familiar. Os outros trechos por ocupações informais com malhas irregulares que descaracterizam o espaço e não demonstram nenhum interesse com o meio ambiente.

Já dentro do espaço ocupado pela comunidade quilombola, há o incentivo da agricultura familiar mais diversos como plantações de banana, mandioca, mexerica, caju, ibisco e outras folhas como coentro, cebolinha, hortelã. A comunidade utiliza recursos hídricos naturais para a criação dos animais como porcos e galinhas, também utilizado para regar as plantas cultivadas. A policultura utiliza menos recursos tecnológicos com pouco ou quase nenhum uso de agrotóxicos. Tal pluridade evita o desgaste do solo e a contaminação dos lençóis freáticos.

SITUAÇÃO EXISTENTE



Fonte: Renata Canto, 2022

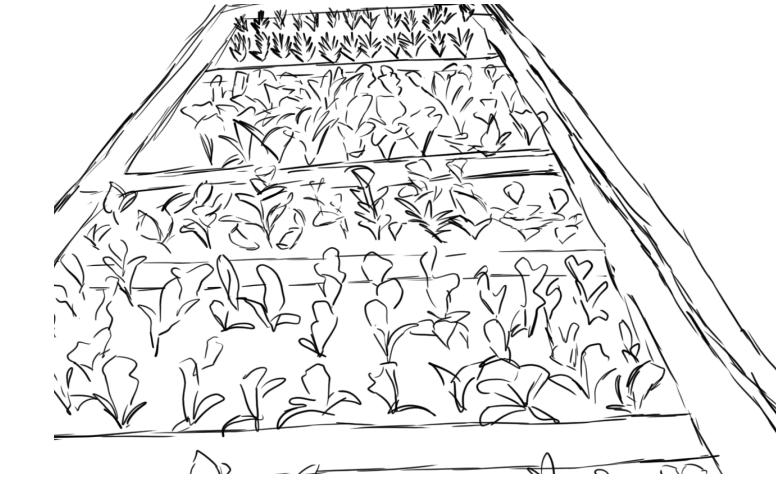


Fonte: Renata Canto, 2022

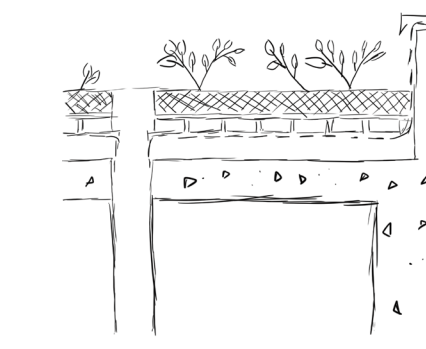


Fonte: Renata Canto, 2022

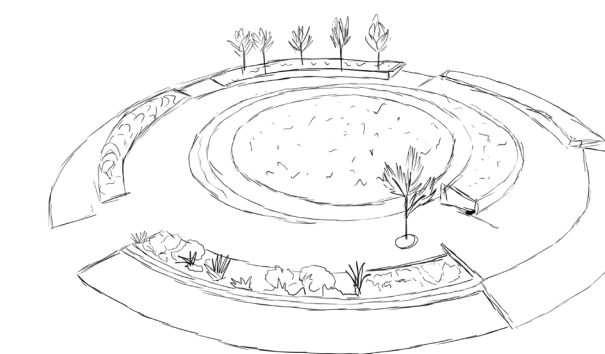
SOLUÇÃO



Hortas



Telhado verde



Praça

DIRETRIZES

- Criar espaços de produção agrícola familiar;
- Criar veios d'água dentro do complexo para reafirmar os laços com a natureza e o modo bem-viver.
- Trabalhar com a vegetação do cerrado e com árvores frutíferas da região;
- Pensar em espaços sociais mais verdes, com mais sombras e espaços com gramas que permitam uma maior uso dos espaços de forma mais livre;

10.6. Dimensão de sustentabilidade econômica

10.6. Dimensão de sustentabilidade econômica

O espaço delimitado pelo quilombo pode ser compreendido de duas formas, como já foi destacado aqui na pesquisa: a quilombola e não-quilombola. A ocupação quilombola utiliza o solo para a produção de policulturas e produzem mantimentos para a venderem em feiras e eventos da região o que incentiva o turismo e o fortalecimento da identidade quilombola. Há uma presença de bares na região e algumas feirinhas de beira de estrada muito comum na via GO-521.

Nas ocupações irregulares há uma forte presença de bares e mercados de pequeno porte. Na região não quilombola e quilombola há poucos eventos culturais e artísticos que movimentem a economia. O ponto forte se encontra nas festas populares e alguns bares da região. Tais fatores justificam a migração dos mais jovens para os grandes centros onde há uma ideia de melhor expectativa de vida e possibilidade de maior aquisição de bens.

A precariedade da infraestrutura também estimula esses movimentos de migração visto que as ruas possuem uma iluminação ruim, as condições são precárias e não há acessibilidade em determinados trechos tampouco hierarquia de vias como pedestres, ciclovias e veículos.

SITUAÇÃO EXISTENTE



Fonte: Google Maps, 2022

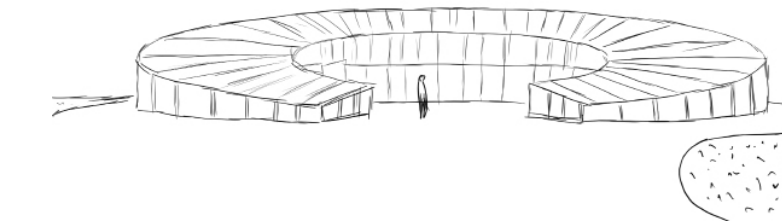


Fonte: Liza Andrade, s.d.

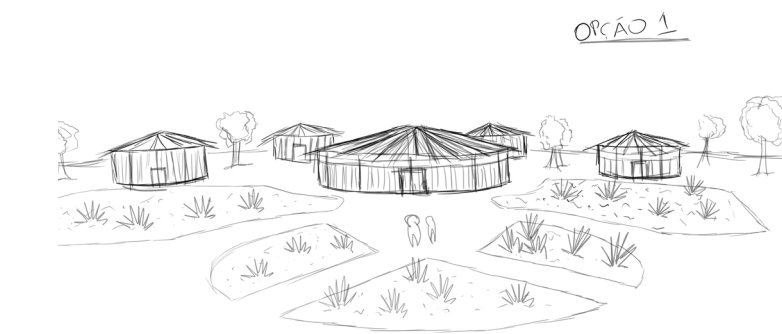


Fonte: Google Maps, 2022

SOLUÇÃO



Centro Gastronômicos. Fonte: Renata Canto, 2022



Feiras. Fonte: Renata Canto, 2022

DIRETRIZES

- Criar áreas livres que possibilitem a troca, venda e exposição dos produtos;
- Criar grandes centros para a realização de festas e eventos que impulsionem a economia do quilombo;

A linguagem de padrões está relacionada com a obra de Christopher Alexander no qual é preciso analisar os "atributos espaciais" e descrever os seus pontos fracos mais frequentes e propor uma solução pontual, fazendo com que as soluções definidas possam se repetir ao longo do projeto de diversas formas para a construção de espaços mais dinâmicos:

Para a elaboração dos padrões foram considerados as seguintes questões:

- Necessidade da valorização dos espaços sociais e de convivência para reforçar os laços entre a comunidade;
- Criação de espaços de produção de alimentos e artesanatos;
- Espaços de trocas de conhecimento, diálogo e organização;
- Promoção de eventos que possibilite a captação de recursos e parcerias para a comunidade;
- Valorização da área verde;

- Valorização da arquitetura vernacular;

- Elaboração de um projeto de baixo orçamento e manutenção de baixo custo;

- Espaço que dialogue com a história do quilombo e suas características;

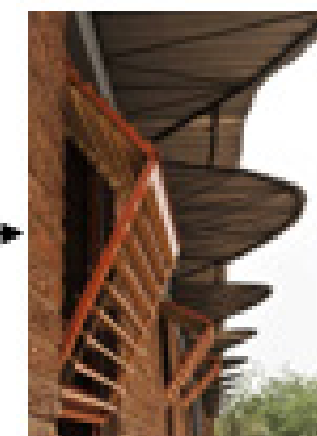
- Criação de espaços de cultivo de hortaliças;

- Criar espaços verdes que façam a reintegração com a natureza;

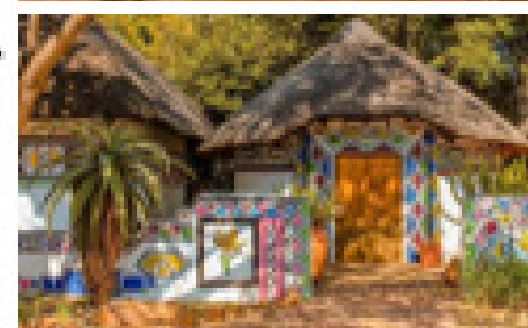
Hortas comunitarias



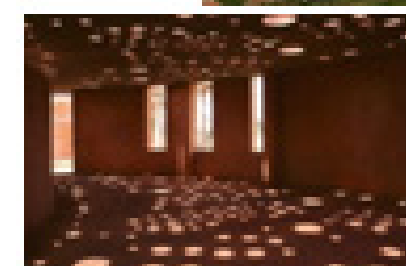
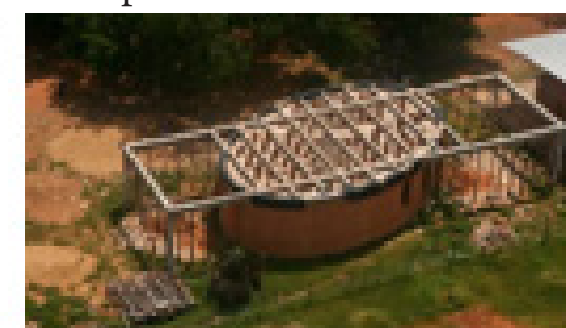
Centro Gastronômico



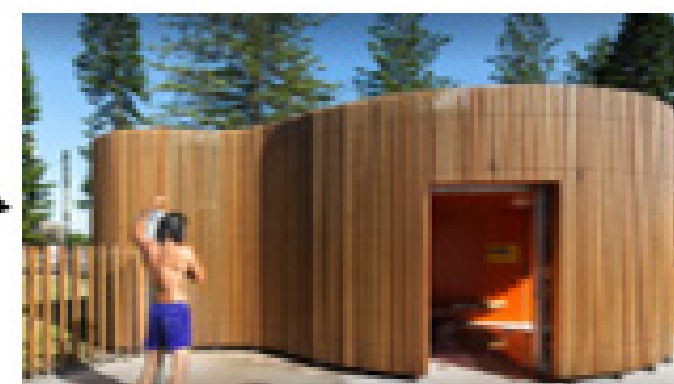
Centro Gastronômico



Complexo de cozinhas



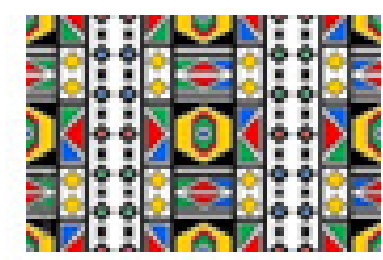
Centro de convenções



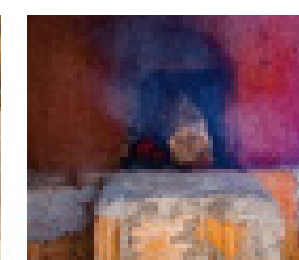
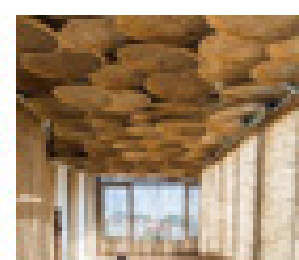
Banheiros públicos



Espaços de interações sociais



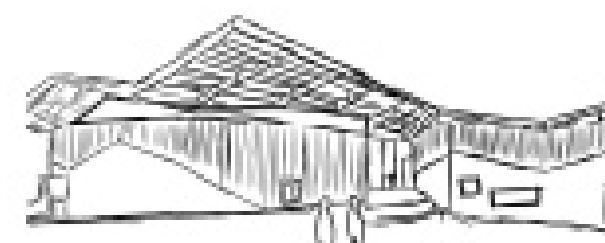
Elementos simbólicos



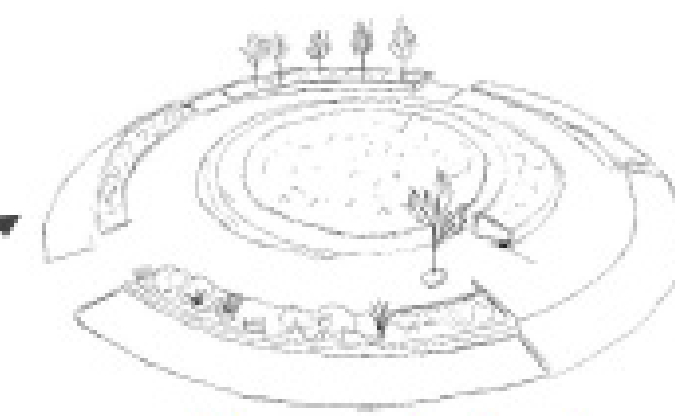
Paleta de cores

Primeiros estudos sobre a implantação do complexo gastronômico

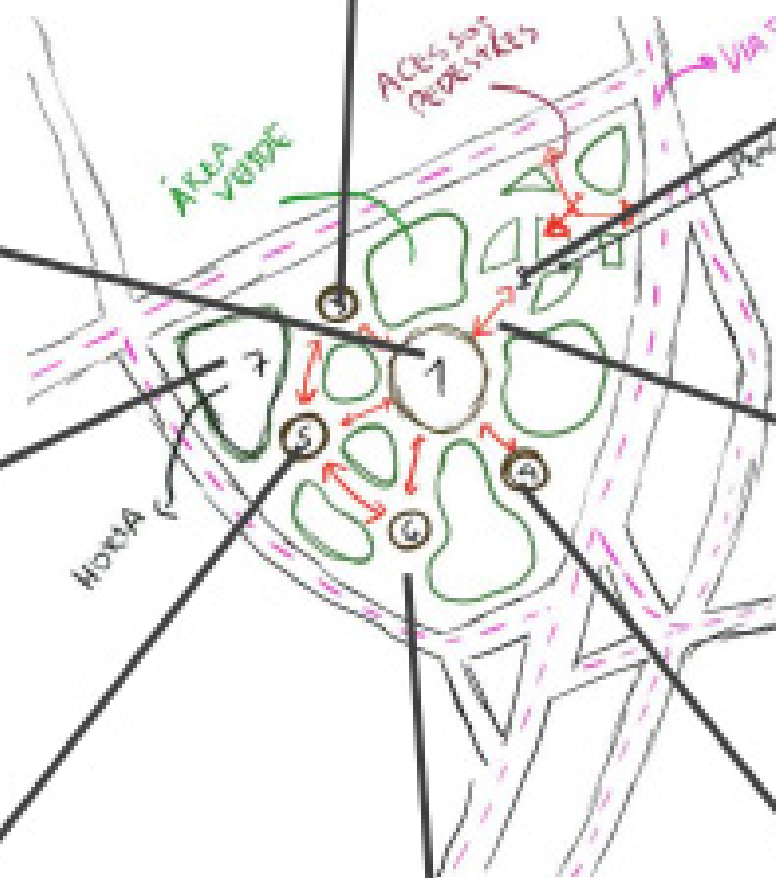
Centro gastronômico



Cozinha

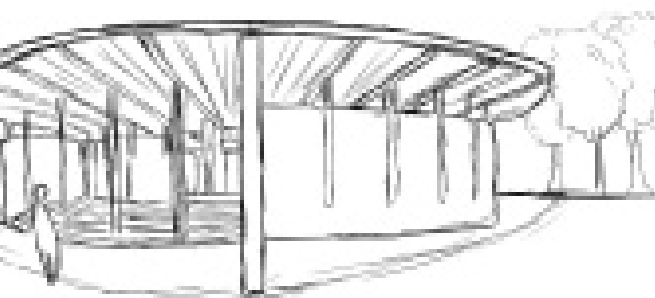
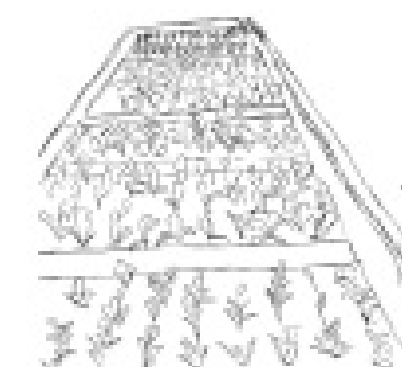


Praça principal



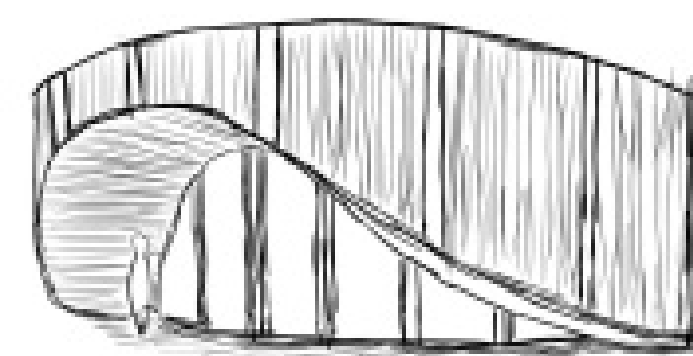
Acessos aos pedestres

Horta

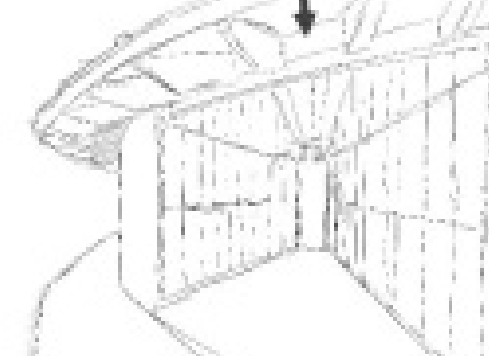


Centro de convenções

Centro de saúde (nutrição)



Centro de educação



Durante o desenvolvimento do projeto foram realizadas reuniões e debates com alguns representantes do quilombo Mesquita, surgindo assim a necessidade de repensar a dimensão do espaço de intervenção. A proposta inicial levantada por Sandra, uma das representantes do quilombo, era que o restante do espaço fosse transformado em um grande parque com diversos equipamentos urbanos a serviço da comunidade como pistas de caminhada, quadras poliesportiva entre outros. Porém, no decorrer das discussões acabaram surgindo outras demandas e problemáticas na comunidade como, por exemplo, um parque tão grande abriria margem para invasões, sem falar no alto custo para manutenção e fiscalização. Foi concluído então que a área seria ocupada da seguinte forma: o primeiro trecho, um complexo gastronômico, o segundo, um parque e o terceiro seria os núcleos afrrurais familiares, permitindo que as pessoas que estavam fora do quilombo pudessem retornar, uma tentativa de reconciliação com o povo e com o passado.

A área de intervenção possui aproximadamente 1.313.905,53m² onde 252.154,15m² é destinada para o complexo gastronômico, 234.588,67m² para o parque florestal e 827.605,97 m² para os núcleos familiares.



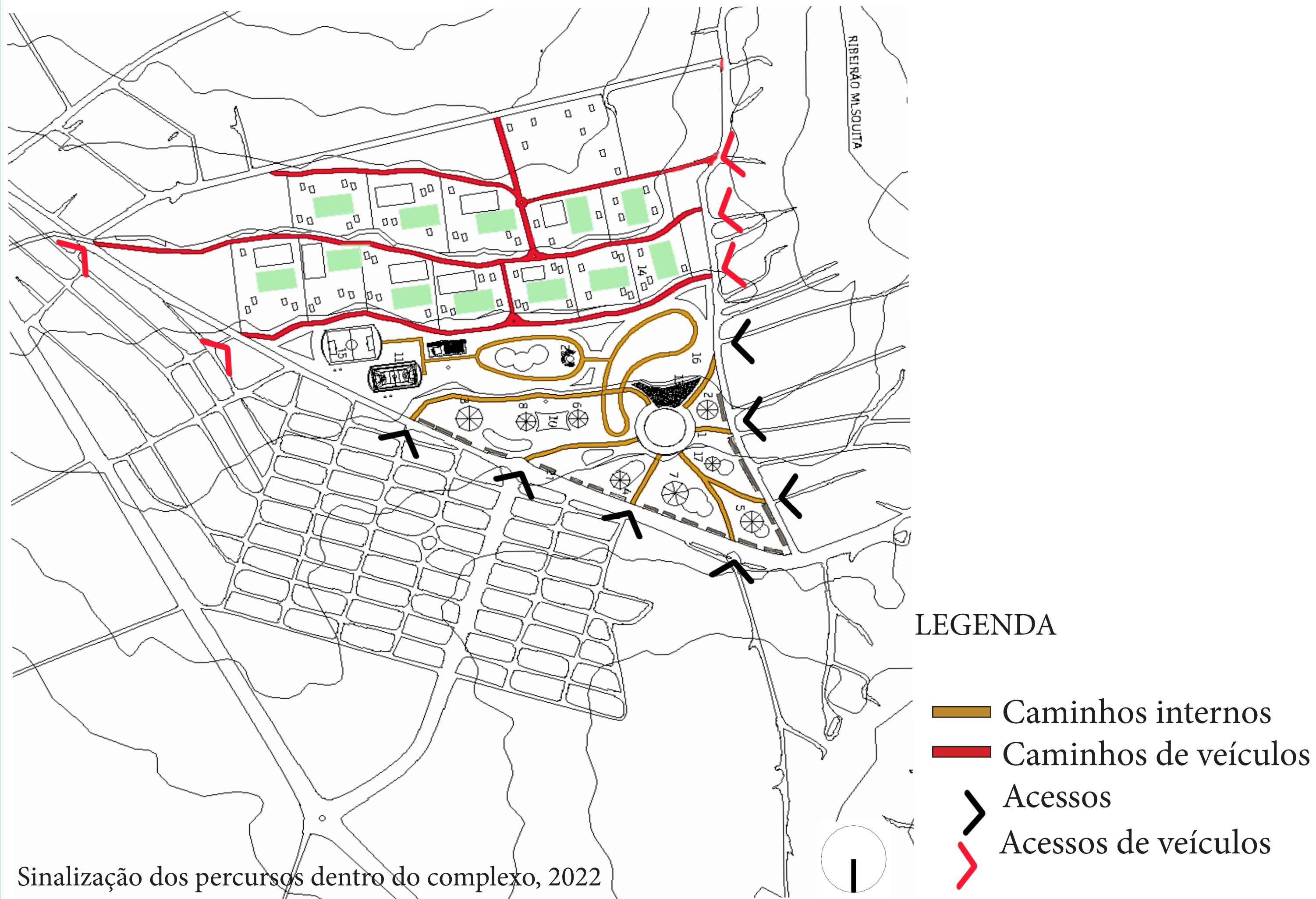
Complexo Mesquita, 2022



Implantação do projeto completo, 2022

LEGENDA

1. Centro Gastronômico
2. Cozinha
3. Posto de saúde
4. Centro ecumênico
5. Centro de memória
6. Centro de educação
7. Centro de convenções
8. Creche
9. Parque florestal
10. Parque infantil
11. Quadra poliesportiva
12. Trilha ecológica
13. Veios d'água
14. Núcleos familiares aforrurais
15. Quadra de futebol
16. Lago
17. Casa da mulher
18. Piscina olímpica
19. Pista de caminhada
20. Horta comunitária
21. Estacionamento
22. Teatro ao ar livre



Os principais acessos foram pensados para tentar criar uma integração com o entorno, em especial com o Jardim Edite, que embora seja uma invasão tem uma grande influência no espaço.

Alguns caminhos foram marcados para o pedestre como forma de valorizar as principais edificações do complexo, mas permitindo também um percurso mais orgânico e livre pelo paisagismo.

As vias de acesso aos veículos foram construídas respeitando as curvas de nível e com a menor interferência possível.

13.1. O COMPLEXO GASTRONÔMICO

O complexo gastronômico é o coração do projeto, o espaço que visa afirmar a importância da tradição culinária e o modo de produção do quilombo como forma de resistência, memória e reconhecimento como grupo, contemplando os seguintes espaços:

- Complexo Gastronômico: um centro dedicado as feiras, comercialização e exposição dos produtos;
- Cozinha: espaço dedicado a produção alimentícia em comunidade.
- Centro ecumênico: como a comunidade é muito religiosa e as principais atividades ocorrem na Igreja Nossa Senhora D'Abadia. O centro religioso no espaço afirma a fé, a tradição e a força do povo dentro do território;
- Centro de Convenção: planejado para a realização de eventos em proporções maiores como palestras, festas mais reservadas e encontros em proporção regional ou nacional;
- Espaço Memória: espaço dedicado para a preservação dos objetos, utensílios e toda documentação importante para a história da comunidade;
- Casa da Mulher: espaço dedicado para discussões e acolhimento;
- Centro de educação (escola quilombola): é importante que exista um espaço que respeite a identidade quilombola e estimule uma construção crítica do ser hu-

mano;

-Creche: necessidade de um espaço para abrigar as crianças visto que a comunidade começa a migrar para os centros (Plano Piloto) em busca de melhores condições de emprego e estudo;

Posto de saúde: atender a comunidade, em especial aos idosos, de forma mais eficaz, já que os postos de atendimento geralmente ficam fora do quilombo.

- Parque infantil: espaço que permite a integração entre a creche e a escola quilombola(centro de educação)

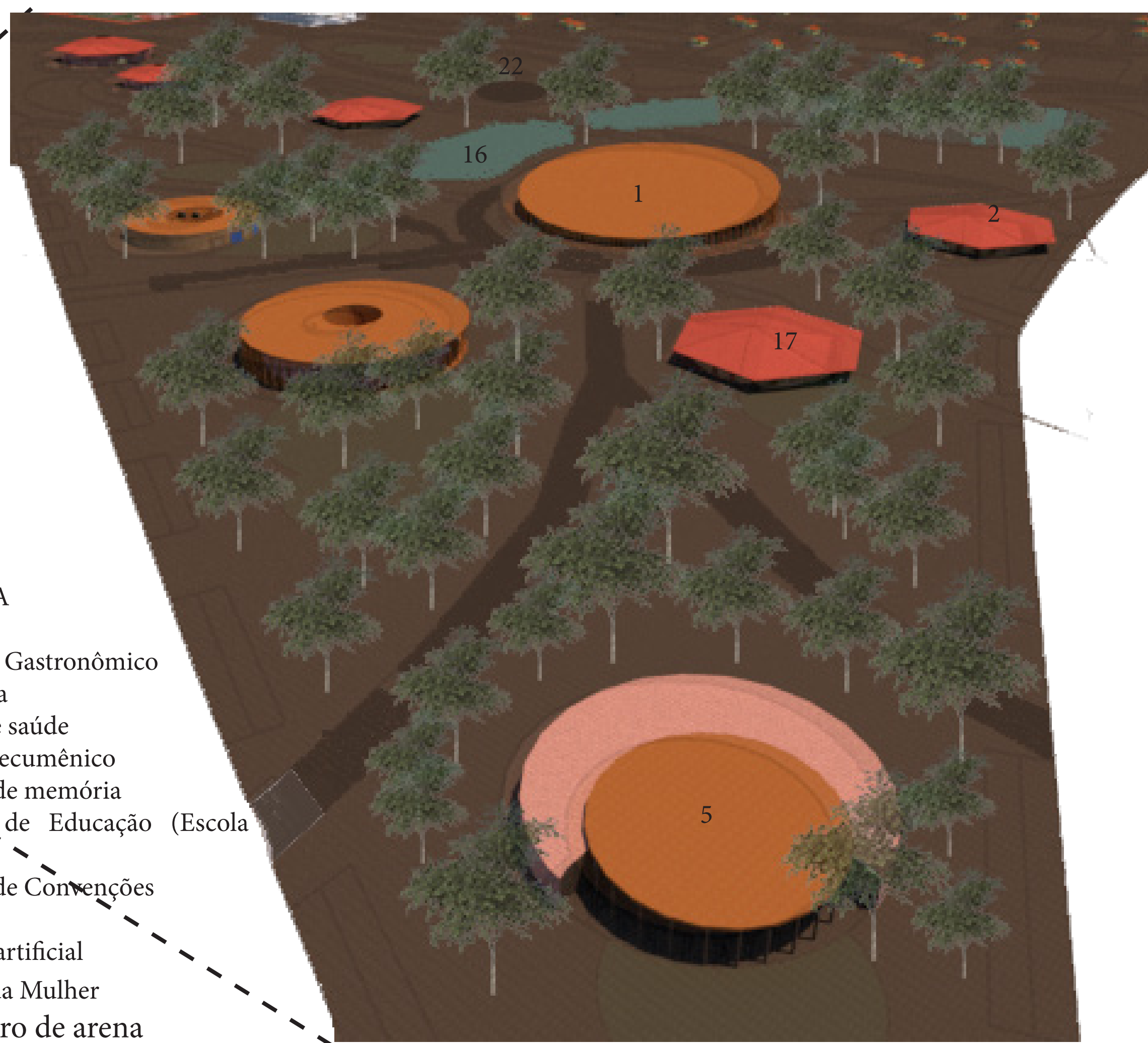
- Horta comunitária: permite o cultivo e partilha entre os membros do quilombo.



Implantação do projeto completo, 2022

LEGENDA

- 1 - Centro Gastronômico
- 2- Cozinha
- 3-Posto de saúde
- 4- Centro ecumênico
- 5-Centro de memória
- 6-Centro de Educação (Escola lombola)
- 7-Centro de Convenções
- 8- Creche
- 16 - Lago artificial
- 17- Casa da Mulher
- 22 - Teatro de arena



Tipologia 1, 2022



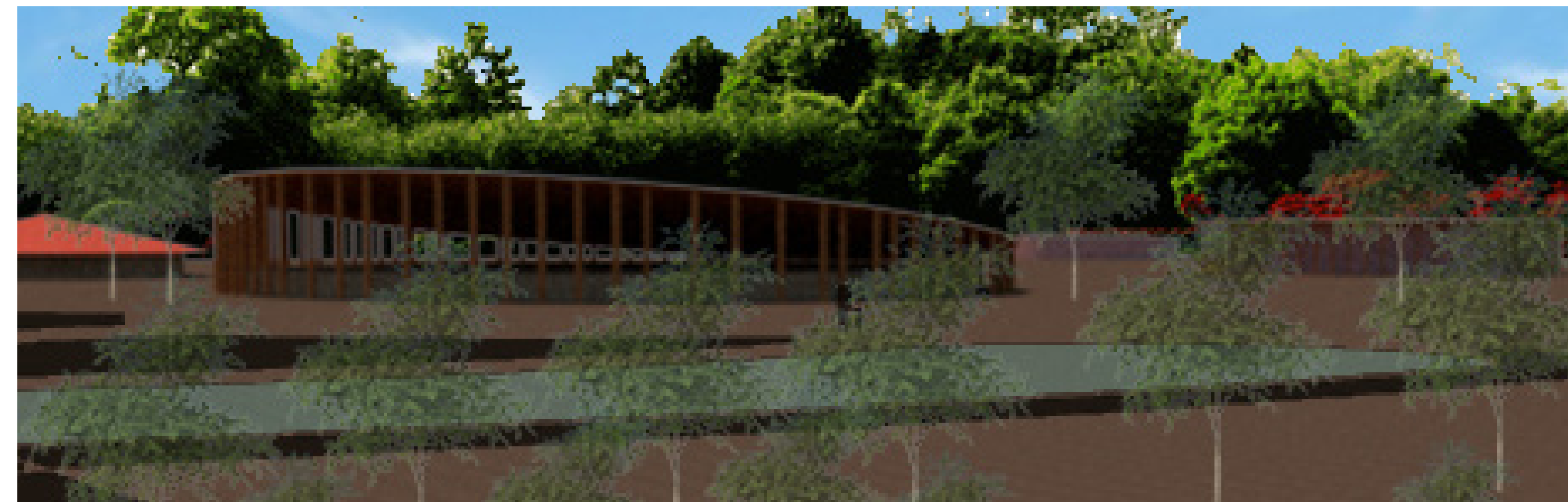
Tipologia 2, 2022



Tipologia 3, 2022



Complexo Gastronômico e no segundo plano a cozinha comunitária, 2022



Vista do Centro comunitário e a sua relação com o espelho d'água, 2022.

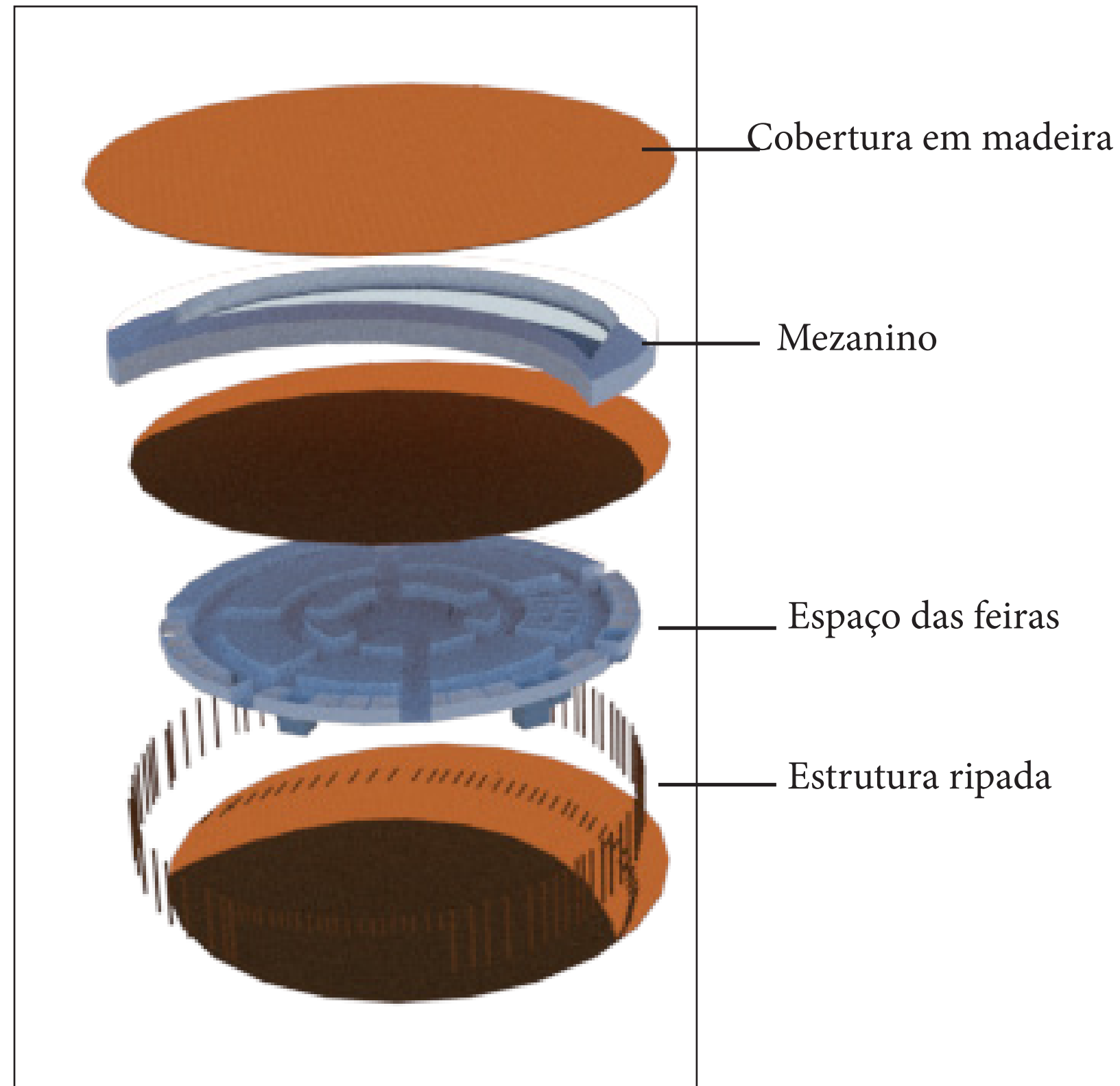


Cetro de Memória do Quilombo Mesquita, 2022

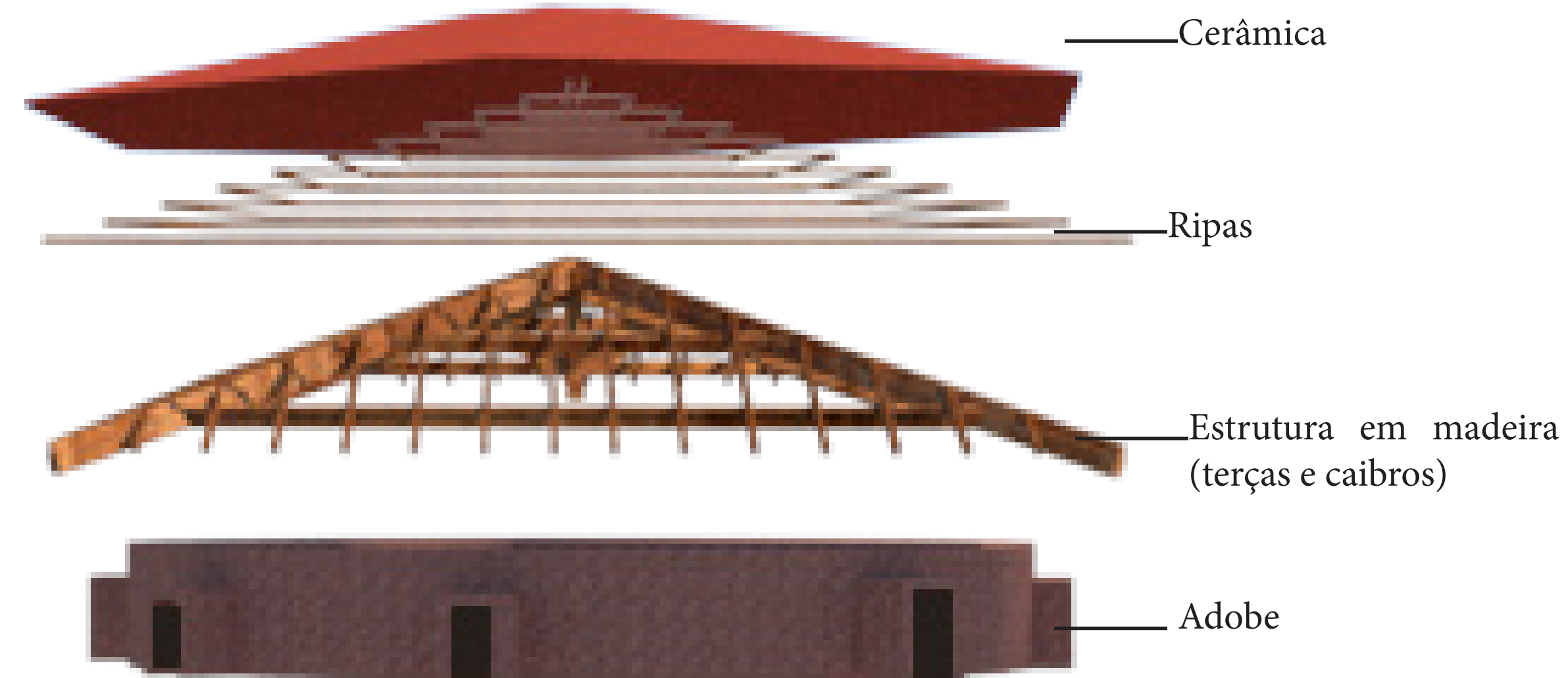


Parque infantil, 2022.

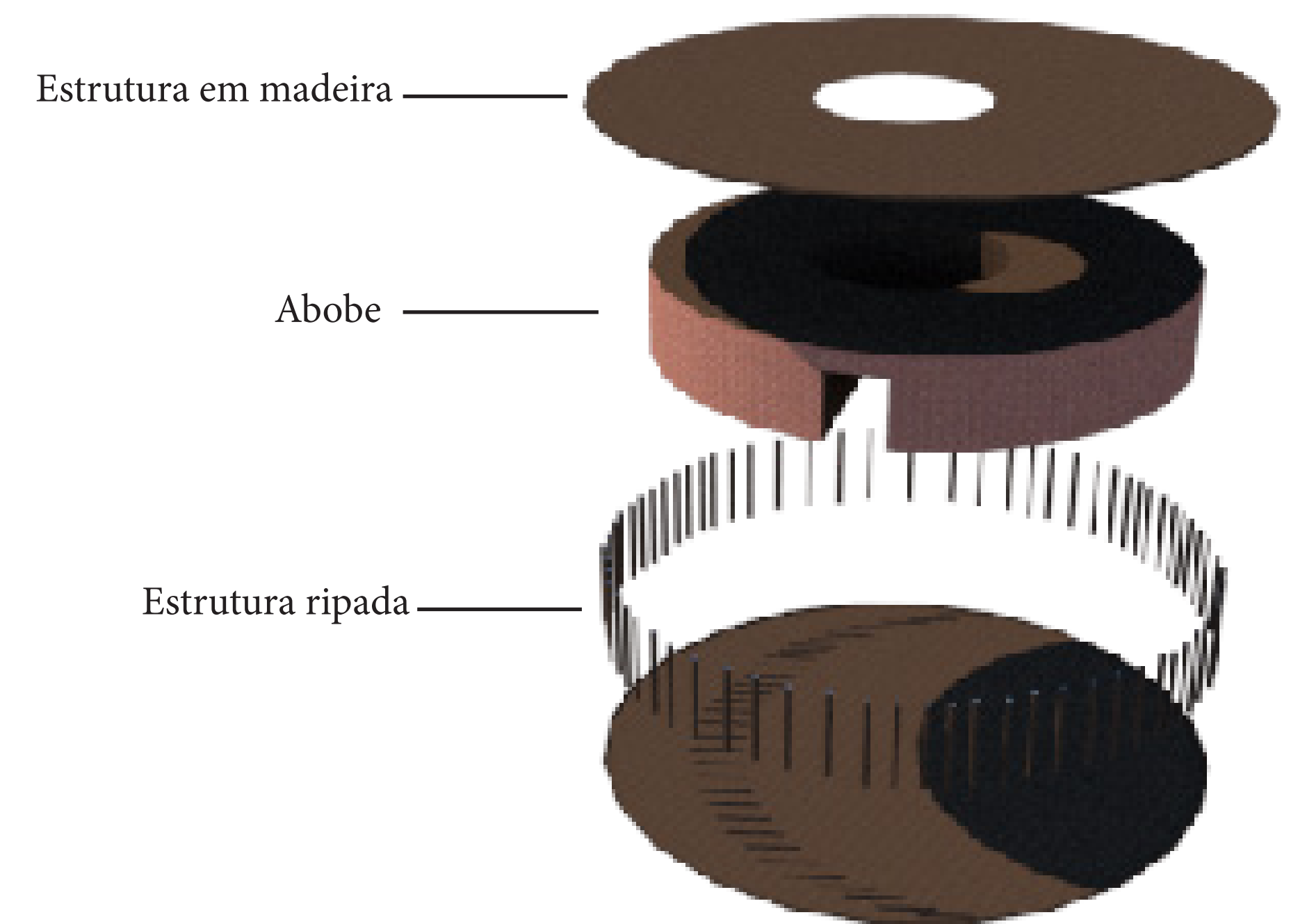
ESQUEMA DE ALGUMAS TIPOLOGIAS DO COMPLEXO



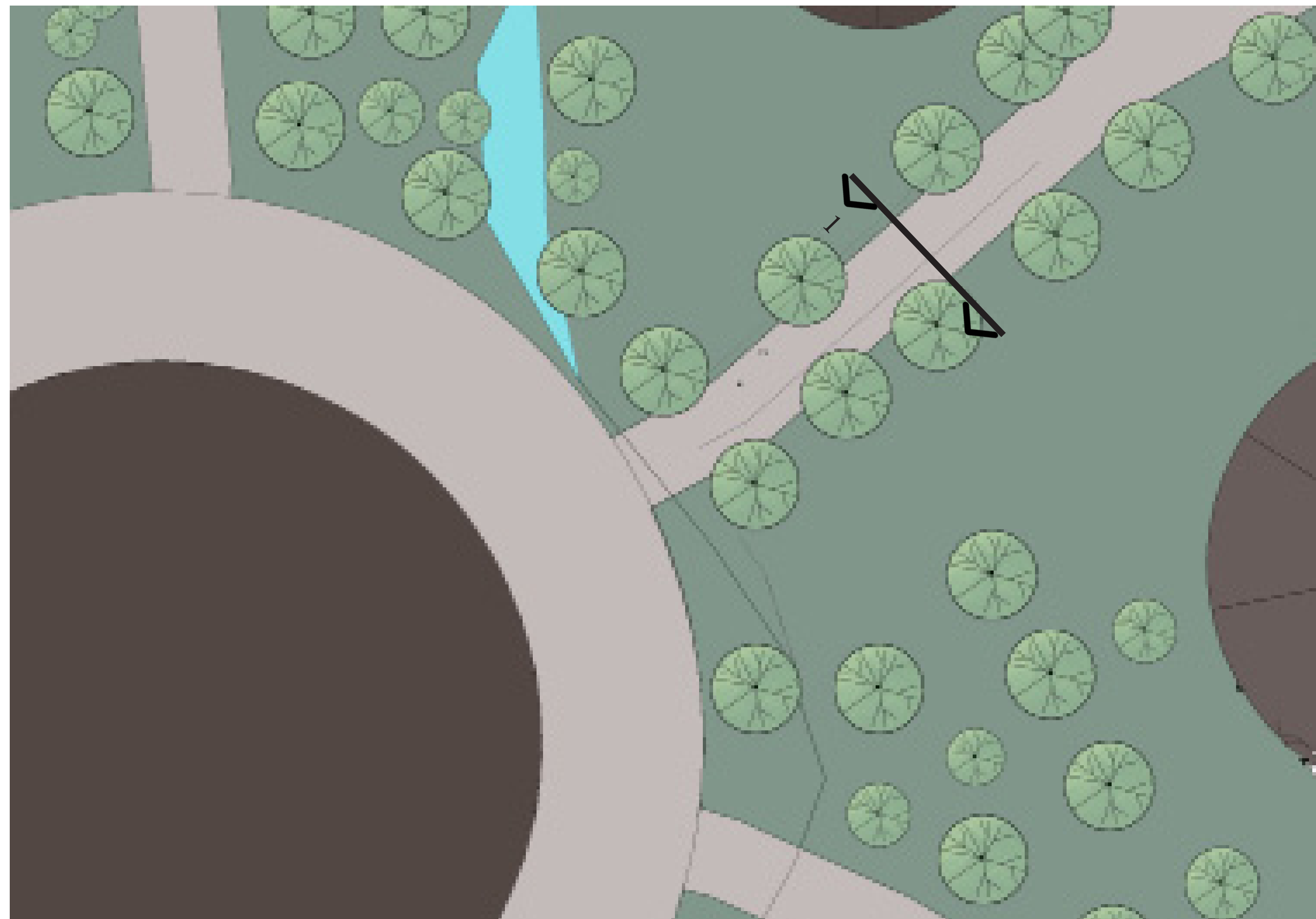
Tipologia 1: Estrutura em madeira



Tipologia 2: Estrutura de telhado em madeira e cerâmica e tijolo(adobe)

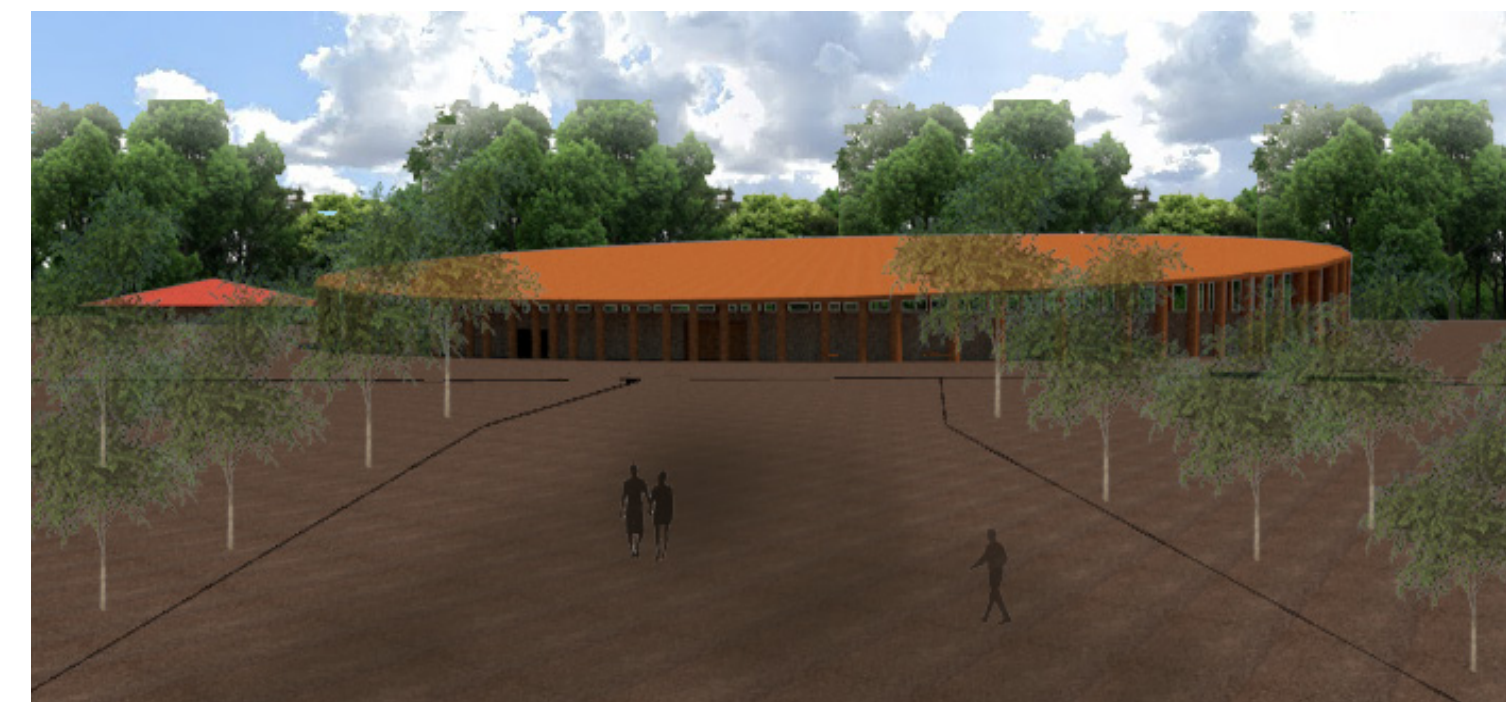


Tipologia 3



Detalhe do principal acesso ao centro gastronômico

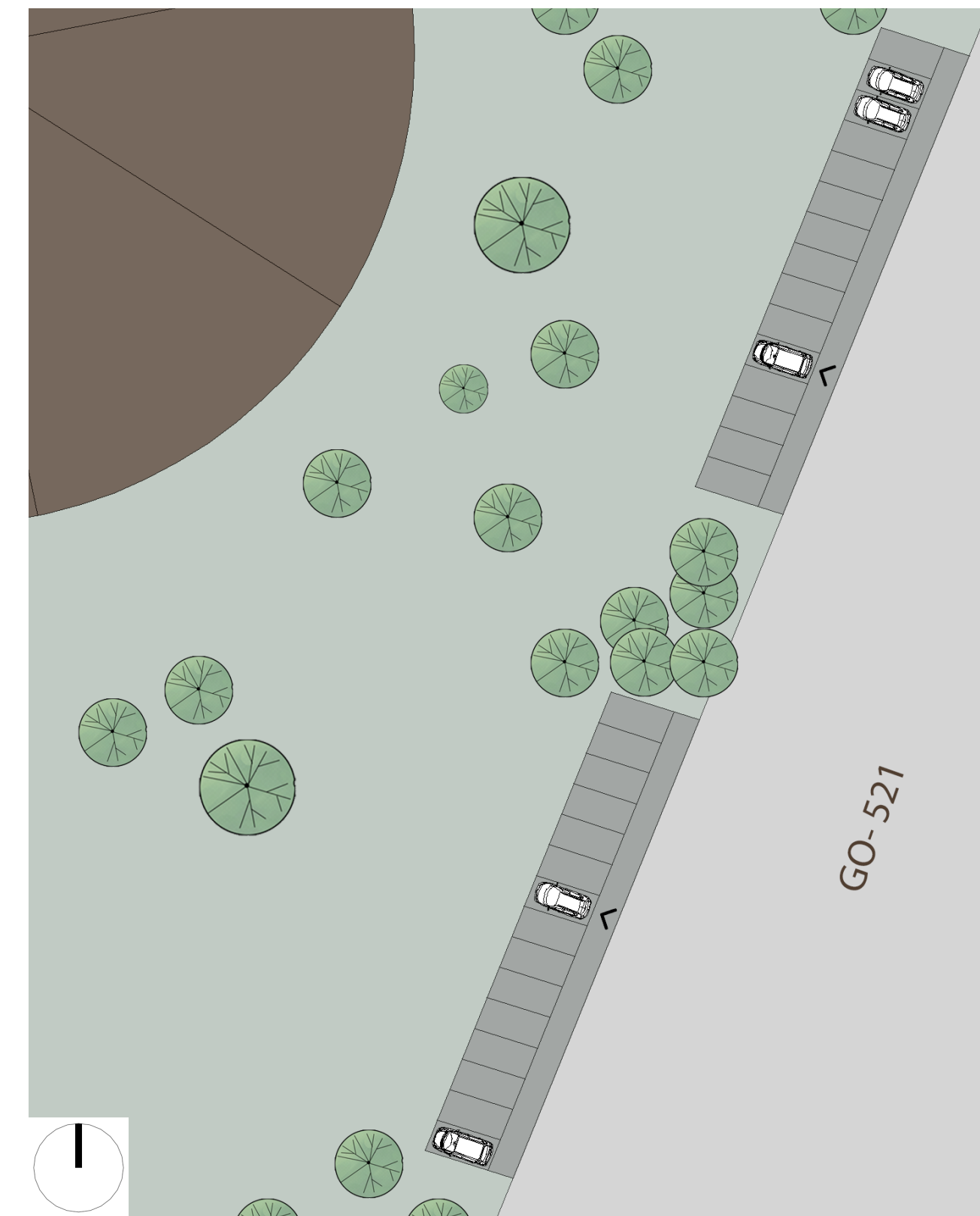
12 m



Principal acesso ao centro gastronômico



Detalhe da via de pedestre. Chamada 1

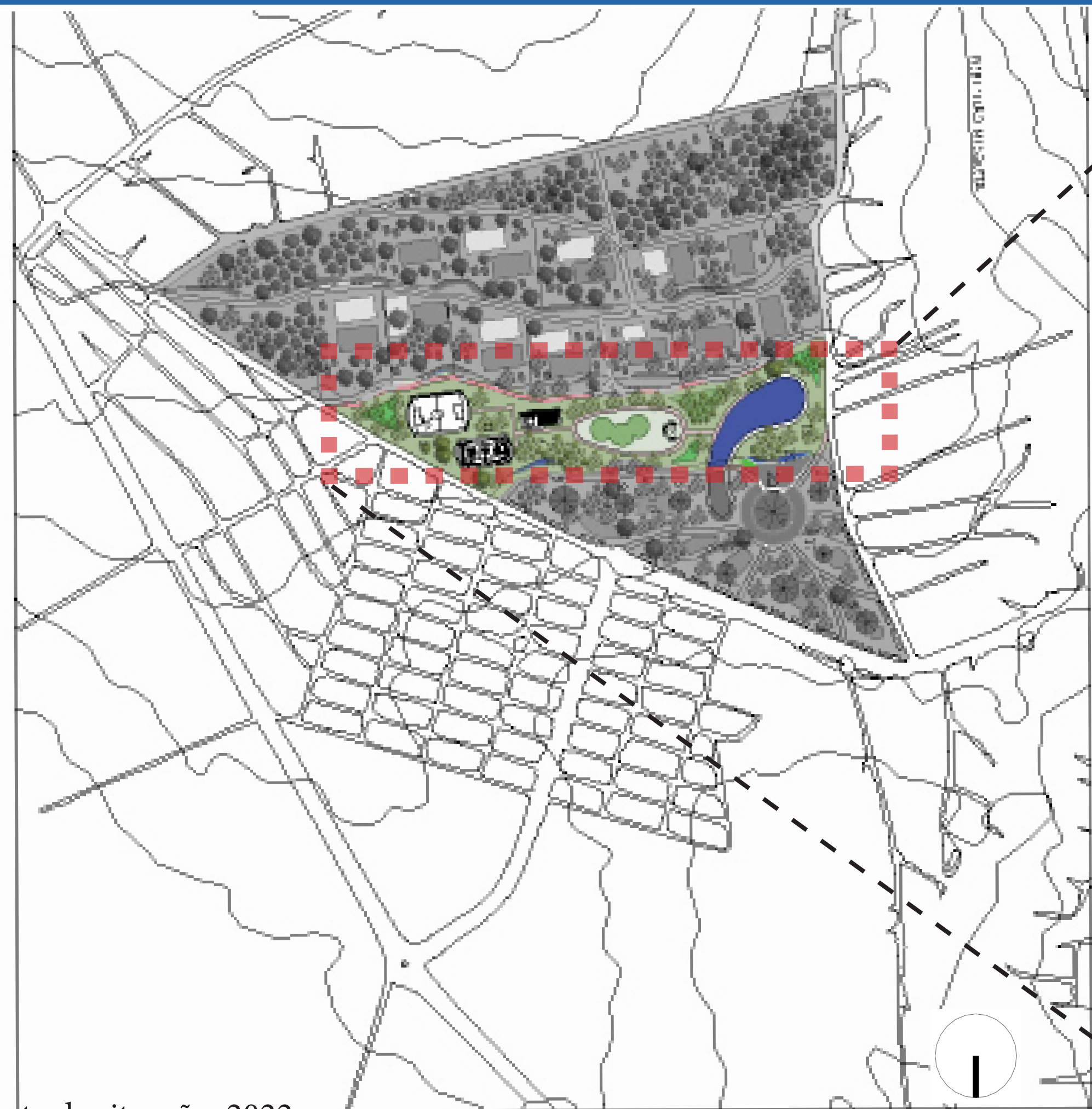


Detalhe do estacionamento

5m

13.2. PARQUE

O Parque florestal é uma tentativa reintegrar o espaço verde que foi perdido com a ocupação do agronegócio. O parque conta com diversos equipamentos como quadra poliesportiva, piscina, campo de futebol, pista de caminhada, tetaro de arena ao ar livre e espelho d'água. Os espaços foram propostos pela comunidade como forma de expandir as possibilidades de lazer e recreação tanto entre crianças como adultos.



Planta de situação, 2022.



Parque florestal, 2022.



Quadra poliesportiva, 2022.



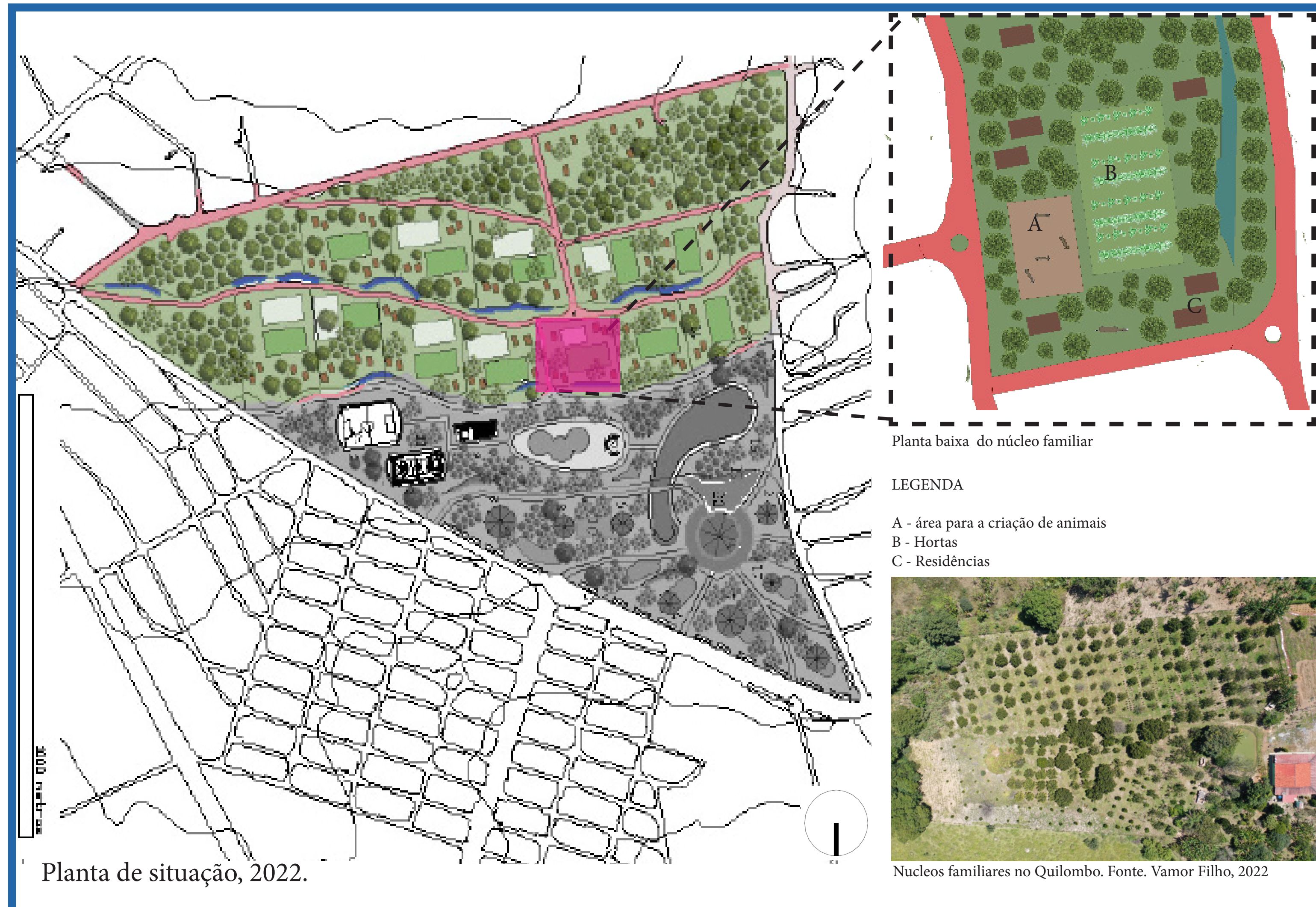
Teatro ao ar livre, 2022.



Pista de corrida

13.3. NÚCLEOS FAMILIARES AFRRURRAIS

Os núcleos familiares é tem como objetivo ocupar a área restante do quilombo e reafirmar o espaço como propriedade quilombola e trazer novamente os quilombolas que foram obrigados a deixar o espaço. O modelo dos núcleos segue a mesma lógica da região: espaços para cultivo de plantas, hortaliças e criação de animais com uma área mínima de 2 hectares.



14

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa passou por diversas transformações, principalmente em relação ao espaço da intervenção e a dimensão da proposta. A primeira ideia era a intervenção da cozinha como espaço de memória e produção, depois com a investida da Prefeitura da Cidade Ocidental a comunidade possuía outra necessidade mais urgente e eficaz contra as investidas de "desintegração" do território por parte da Prefeitura. A segunda proposta tentou se limitar a mesma área de intervenção da Prefeitura, mas com algumas reuniões com a comunidade foi preciso considerar que a estratégia da Prefeitura era avançar mais no território e reocupar da forma que lhe fosse conveniente. Com a tentativa de "dar um passo mais a frente" e provar que o Quilombo Mesquita tem consciência da sua territorialidade os representantes quilombolas solicitaram uma ocupação completa do território para assim poder negociar com a Prefeitura de forma mais decisiva.

O projeto é uma tentativa da Universidade de Brasília se mostrar disposta a atender as demandas sociais reais e valorizar as identidades quilombolas existentes no Centro-Oeste, fazendo parte da construção da memória da cidade de Brasília. A pesquisa conseguiu manter o foco na questão gastronômica, mas precisou expandir um pouco mais a proposta para poder viabilizar a discussão com a comunidade.

O "Complexo Cultural" consegue atender diversas demandas da comunidade: saúde, educação, memória, lazer, espiritualidade, economia, cultura, valorização ambiental e preservação ecológica. Valorizando a comunidade como um todo e oferecendo melhores condições de vida.

Embora tenha sido um grande desafio, em especial, pela dificuldade inicial na comunicação, pela disponibilidade da comunidade e pelas modificações das dimensões e da área de intervenção, a proposta do trabalho de graduação conseguiu atingir seu propósito maior: estreitar as relações com o quilombo Mesquita e com a Universidade permitindo a criação de um projeto que tivesse utilidade para a população.

AGUIAR, Maciel. Negro Rugério nº 10. São Mateus, ES: Centro Cultural Porto de São Mateus, 2007.

AGUIAR, Maciel. Negro Rugério nº 6. São Mateus, ES: Centro Cultural Porto de São Mateus, 1952.

AGUIAR, Vinícios Gomes de. Conflito Territorial e ambiental no Quilombo Mesquita/ Cidade Ocidental: Racismo Ambiental na Fronteira DF e Goiás. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás. Brasília. DF.2015.

ANDRADE, Liza Maria Souza de; FERNANDES, Thalyta; BRAZ, Raquel; MAGALDI, Natalia ; PITA, Lara. URBANISMO EMERGENTE DO GRUPO PERIFÉRICO DA FAU/UnB: uma análise das dimensões da sustentabilidade urbana: social, ambiental, cultural e econômica de alguns projetos de espaços públicos. Anais do II Encontro Latino-americano Europeu de Edificações e Comunidades Sustentáveis Euro-Elecs, São Leopoldo, RS, 2017.

ANDRADE, Liza Maria Souza de; LEMOS, Natália da Silva; LOUREIRO, Vânia Teles; MONTEIRO, Maria Emília. ADEQUAÇÃO SOCIOTÉCNICA PARA PROJETOS DE URBANISMO PARTICIPATIVO DO GRUPO DE PESQUISA E EXTENSÃO PERIFÉRICO: Táticas urbanas como tecnologia social, dimensões da sustentabilidade, padrões espaciais e de acontecimentos e construção de cenários. Anais do XVIII ENANPUR, Natal, 2019.

ARAÚJO, S. Tradição e cultura: cozinha quilombola do Paraná. Curitiba: Seed-PR, 2008.

ARCHDAILY. Cozinha Comunitária das Terras da Costa / ateliermob + Colectivo Warehouse” [Community Kitchen of Terras da Costa / ateliermob + Colectivo Warehouse] 02 Out 2021. ArchDaily Brasil. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliermob-plus-projecto-warehouse>> ISSN 0719-8906. Acesso em 21 Fev 2022.

ARQUITECTURA VIVA. Orfanato Noomdo, Koudougou. Disponível em < <https://arquitecturaviva.com/works/orfanato-noomdo-10>> acesso em abril de 2022.

ASSOCIAÇÃO RENOVADORA DO QUILOMBO MESQUITA. Projetos Comunitários. Zona Rural do Município de Cidade Ocidental – GO. 2014. Disponível em < <https://quilombomesquitadotcom2.wordpress.com/viveiro-comunitario/> > Acesso em março 2022

CARVALHO, J. W. L. T.; OLIVEIRA, F. A. Impermeabilização e uso do solo urbano: estudo de caso na microbacia Córrego do Aviário - Curitiba/PR. Revista Geonorte, v. 10, p. 504-509, 2014.

Christopher ALEXANDER, Sara ISHIKAWA, Silverstein MURRAY. Uma linguagem de padrões. Bookman. Editora Oxford University Press. 1977

COSTA, Walisson Braga de. Comunidades Afrorrurais e Bem- Viver: Análise da preservação comunitária dos recursos hídricos e conservação ambiental por meio da cartografia social. Periférico. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Brasília. Distrito Federal. 2021.

DIÉNE, Aisha Angèle Leandro. Arquitetura de terreiro. compreendendo socioespacialidades na comunidade quilombola manzo ngunzo kaiango. Universidade de Brasília. Instituto de ciências Sociais. Departamento de Antropologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília. 2021.

FELLET, João. BBC. A história do quilombo que ajudou a erguer Brasília - e teme perder terras para condomínios de luxo. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44570778>>. Acesso em fevereiro de 2022.

FLORENCIO, Sônia Regina Rampim. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Educação Patrimonial : inventários participativos : manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Brasília-DF, 2016.

GALLINA, Nina Beatriz de Araújo. Injustiça ambiental: Análise Temporal do índice de vegetação (NDVI) e mapeamento de uso e cobertura do solo no Quilombo Mesquita. PIBITI. UnB. Brasília. Distrito Federal. 2019

GOMES, Monique Nogueira. Cozinha- Escola. As do Cerrado. Trabalho final de Graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. UnB. Brasília. Distrito Federal. 2019

PAULINO, Mariane. Planejamento Afrorrural Quilombo Mesquita. Escalas para a preservação territorial e identitária. Trabalho final de graduação. Periférico. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Brasília. Distrito Federal. 2017.

LISBOA, Danusa Benedita. AGRICULTURA FAMILIAR NO POVOADO MESQUITA: UMA COMUNIDADE TRADICIONAL DESCENDENTE DE QUILOMBOLAS. Brasília :Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília,2018,xx páginas.Monografia.Disponível:https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27748/1/2020_DanusaBeneditaLisboa_tcc.pdf.

LISBOA, Danusa Benedita. Andrade, Liza Maria de; Paulino, Mariane. Bem Viver no Quilombo Mesquita: O saber local de uma comunidade tradicional de remanescentes quilombolas. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Paranoá XX. Brasília.Distrito Federal.

MARIA, Villar. Batuque na cozinha – Estudo sobre os espaços de cozi-nhar no Brasil Colônia, através dos relatos de viajantes. Universidade de Brasília. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação. Brasília. 2010.

NASCIMENTO, Robervone Severina de Melo Pereira do. Qualidade do Solo e aptidão agrícola das terras do Quilombo Mesquira, Estado de Goiás. Tese de Doutorado em Agronomia. Faculdade de Agronomia e medicina veterinária. Brasília. 2016.

O POPULAR. Marmelada de Santa Luzia é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial de Goiás. Disponível em:<https://opopular.com.br/noticias/magazine/marmelada-de-santa-luzia-%C3%A9-reconhecida-como-patrim%C3%B4nio-cultural-imaterial-de-goi%C3%AAs-1.2433821>. Acesso em 8 de abril de 2022.

PEREIRA, Vanina Margarida Tomar Borges. A herança da arquitetura africana nas comunidades quilombolas afro-descendentes, africanos e sua bibliografia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Espírito Santo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. 2011.

SEBUSIANI, H. R. V.; BETTINE, S. C. Metodologia de análise do uso e ocupação do solo em microbacia urbana. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 7, p. 256-285, 2011.

SILVA, Cyntia Temoteo da Costa, Lugares de Memória do Quilombo Mesquita. Faculdade de Arquitetura e Urbanis-

"E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês"

Á palo seco, Belchior



Fonte: Renata Canto, 2022